a Cigarra
Philipp Boileau

CINZANO

VERMOUTH
E QUINADO
EMPREZA MODERNA
DE RECLAME
U. MORO RUA FORMOSA 36.

= IMPRESSÃO: POCAI-WEISS & C. =
RUA JOÃO ADOLPHO-60 - S. PAULO

A RECLAME

Si ha no mundo uma cousa util, a nos todos, esta é, sem duvida, a *reclame*.

Ao advogado que patrocina uma causa; ao scientista que passa infindaveis noites no luctar constante, no estudo aprofundado; ao artista que estuda e trabalha com afan, cultivando no enigmatico futuro as corôas de louros; a todos, emfim, vem a *reclame* auxiliar, prestar seus serviços.

O soldado que se offerece,renuncia e sua vida a bem d'uma causa justa, tornar-se-á no rol dos esquecidos si alguem não chamar seu nome aos quatro ventos; seja embora modesto e simples, seu nome será decantado nas trovas populares, immortalisado nas paginas da historia, seu busto se perpetuará no bronze fino e magestoso...

Si Napoleão, o guerreiro mestre da historia moderna, voltasse ao mundo nos nossos dias, diria a seus soldados:

—Soldados! lembrae-vos que quarenta *reporteres* vos contemplam!

Somos homem, e o homem nada mais é do que uma parasita mantida na sociedade pelo poder da *reclame*...

Qual é nosso intuito vestindo-nos com elegancia, enfeitando nossa casa com gosto e arte (muitas vezes com enórmes sacrificios)? Não é para nossa fama, não fazemos *reclame* ao nosso progresso material?

Qual o interesse da mulher que não é formosa e que se *pinta*?

E da mulher que veste vestidos caros, que nos seduz não só com o frou-frou doce e macio da seda, como tambem mostrando as curvas graciosas d'um corpo esculptural?

Qual o lucro dos esplendores das côrtes, dos exercitos, das armadas, das festas, de tudo, emfim?

Não procuram todos extasiar as multidões boquiabertas, elevando-se, portanto, ao ápice do respeito, do engrandecimento e do conceito, dando assim prestigio á propria existencia?

Na vida commercial a *reclame é mais do que tudo*!

Que opinião fazemos de um escriptorio commercial que ostenta luxo e riqueza?

Que juizo formamos dos negociantes que alugam vastos e sumptuosos predios?

Que lucro tem o commerciante que assim procede? O progresso, o desenvolvimento que o assombra, que o deslumbra...

A reclame é para o povo um harmonico canto de sereia que conduz ao negocio e ao lucro; é a estrella brilhante e formosa que seduz e encanta, que indica o melhor e verdadeiro caminho!...

São Paulo preencheu uma lacuna, pois, não havia nesta rica e populosa cidade — Londres em miniatura— uma Empreza Moderna de Reclame, agora creada e eu me comprometto a ir melhorando-a dia a dia, a bem do commercio, da industria e do publico em geral, provando sempre a efficacia da *reclame*.

U. Moro

Concessionario dos annuncios na "Cigarra"

— Pobre senhora. Vae com aquelle chapelão tão fóra da moda. Si ella fosse á Empreza Moderna de Reclame, á rua Formosa n. 36, la lhe indicariam onde estão as melhores chapelarias e as mais finas modistas.

BRIC Á BRAC

CONTRA OS VESTIDOS DE CAUDA :: A municipalidade de uma cidade alleman publicou recentemente uma postura punindo com trinta marcos de multa todas as senhoras que usarem na rua vestidos de cauda.

Esta medida é baseada em razões hygienicas muito attendiveis. Um vestido arrastando na rua faz pó; este pó não só prejudica a saude da pessoa que o levanta, mas tambem a das que lhe estão proximas, indo ainda penetrar nas casas, constituindo, por tanto, um perigo para todos.

A nova postura, porém, tem levantado a indignação das damas, que ameaçam os camaristas de reclamarem perante o ministro do Imperio contra tal determinação.

Comtudo, é de esperar que, si tornarem effectiva a ameaça, não sejam attendidas, porque, na verdade, a sabia medida da municipalidade alleman não póde ser mais sensata, hygienica e até economica.

ROSAS PRETAS :: Uma revista de horticultura divulga a noticia de que um floricultor russo, chamado Seraphinoff, conseguiu obter, após longos estudos, magnificos exemplares de rosas pretas. Nos centros horticolas a nova tremenda causou grande alvoroço, mas a opinião corrente é que o tal jardineiro russo não passa de um pandego.

A rosa negra é como a pedra philosophal dos horticultores. Nenhum dos ensaios feitos deu resultados o que leva a crêr que o tal russo, si conseguiu a rosa preta, foi talvez á força de tinta. Ha tempos appareceram umas rosas verdes. Eram pintadas, e tão artisticamente, que pareciam naturaes. Com a preta, deve succeder o mesmo. No emtanto, sempre é bom esperar. Póde ser que a Russia conseguisse resolver o tremendo problema.

OS PÉS DAS CHINEZAS :: E' preconceito que já data de muitos seculos, na China, considerar a exiguidade dos pés femininos um distinctivo de nobreza e elegancia.

Dahi provinha o barbaro costume de comprimir os pés das creanças do sexo feminino, logo ao nascer, por meio de apertadas ligaduras que os não deixavam crescer regularmente. E por tal forma se ia generalisando este absurdo uso que os poderes publicos do imperio votaram uma lei que prohibia tão deshumana pratica, estabelecendo ao mesmo tempo rigorosas sancções comminatorias para os infractores da sabia lei

Ora, não se deroga assim tão abruptamente um preconceito muitas vezes secular, e taes medidas repressivas foram pouco efficazes, pois pouco tardou que por todo o vasto imperio se começasse a infringir a lei com o maior desplante.

BICYCLETTAS A' VELA :: A véla é o mais simples e tambem o mais antigo dos motores. Diz-nos a lenda que a deusa egypcia Isis, cançada de manejar os pesados remos da sua jangada contra a corrente impetuosa do Nilo, tirou de sobre os hombros o longo manto que a envolvia, para com elle fazer signal pedindo auxilio a outras longinquas embarcações.

Reparou, porém, que o vento, enfunando o panno impellia o seu barco com mais força do que o já cançado vigor dos seus braços; e assim descobriu a fiel esposa do Osiris o segredo da navegação á véla.

Ora, sabe-se o progresso que tem feito a vela desde os tempos fabulosos em que, segundo o testemunho de Homero, guiava os heroes gregos até ás longinquas praias de Ilion. Desde a sua simplicidade primitiva até ao complexo systema de pannos das embarcações modernas, a vela soffreu uma larga evolução.

No principio do seculo passado o hespanhol D. José Roscasa teve a idéa de applicar a vela á viação terrestre e construiu um engenhoso carro a que chamou *coche volante*.

Recebido a principio com grande enthusiasmo, o invento de Roscasa depressa cahiu em desuso, decerto por pouco pratico.

Agora, por occasião da lucta entre os mexicanos, um soldado do general Huerta, vendo-se na necessidade de percorrer grandes distancias na sua machina, lembrou-se de applicar a vela ao cyclismo para assim poupar o esforço dos seus musculos. Construiu, pois, uma machina a que chamou *yacht-bicycle*, com a qual conseguiu, com ventos favoraveis, percorrer enormes distancias sem ter necessidade de pôr os pés nos pedaes.

MINUETO Foi a dança mais celebre e mais enthusiasticamente apreciada no seculo XVIII. Na côrte de Luiz XIV de França floresceram os mais famosos mestres d'este capitulo da choreographia que só, por si, constituia uma complicada arte. Os passos e as reverencias do minueto variavam ao infinito e a maneira de collocar um pé com elegancia, de curvar o corpo n'uma reverencia graciosa deu assumpto a muitos escriptores da epocha para longas dissertações, e até para volumosos tratados. Hoje o minueto desappareceu e só raramente ouvimos tocar em algum piano umas interessantes peças de baile, que fizeram requebrar os nossos antepassados e que evocam em nós essa epoca ridicula e faustosa de sapatos de fivella e cabelleiras empoadas.

A MOSCA

De onde vem e o mal que faz

Vêde aquella mosca: acaba de pousar sobre o doce e busca vivamente absorver o assucar de que tanto gosta; para conseguir esse fim, necessita, porém, de dissolvel-o com uma goticula de saliva e transformal-o em calda, que pode ser aspirada pela tromba.

Farta, levanta agora o vôo, e vae pousar na borda dum copo, onde, com meticuloso cuidado, limpa geitosamente com os seus tres pares de patas, a cabeça, o corpo e as azas, livrando-se assim das impurezas que recolheu na excursão.

Parece ser um animal limpo, mas, si continuarmos a observal-o, vel-o-emos dahi a pouco voar de novo, atravessar a sala, sahir para o quintal e lá, com a mesma viveza, com a mesma voracidade, deleitar-se em demorado repasto, sobre quaesquer immundicies abandonadas. Passados momentos, lá volta o insecto para o interior da casa, e, si o caminho da cozinha ou da sala estiver livre, vel-o-emos procurar de novo os doces, as fructas, pousar nos labios duma creança, importunar um circumstante, até, cansado, pousar num quadro, num movel, numa cortina, que guardarão o attestado dessa permanencia sob a fórma dum ponto escuro . . .

Onde, entretanto, se cria esse insecto que insaliva os alimentos que vamos ingerir, que passeia sobre elles, que penetra nos logares mais intimos das nossas moradas, chegando a despertar-nos logo que o dia clarêa, importunando-nos mesmo no leito?

A mosca vive poucos mezes, mas, uma semana depois de nascida, começa já a pôr óvos, que vão a mais de centena em cada postura, e é nas estrumeiras, nos monturos, nas latrinas, em todos os logares nauseabundos que ella deposita os germens da sua prole. Em poucos dias, no verão, os óvos se transformam em larvas, que fervinham nos monturos, e ahi crescem e se desenvolvem, emquanto ha podridão e humidade. Em seguida a larva amadurece, modifica-se transforma-se em nympha, que produz em poucos dias o insecto perfeito, agil, alado, importuno e voraz, prompto já para em breve recomeçar a propagação da especie em outros monturos.

Escarradeiras, vasos, fezes, vomitos, feridas, etc. são os logares onde as moscas se reunem de preferencia, antes de buscar o interior das nossas casas, e assim o escarro do tuberculoso, as fezes do typhoso e do dysenterico, as dejecções dos cholericos, o pus dos variolosos, as placas dos diphtericos penetram nas nossas moradas. De que serve, então, fugirmos dessas molestias, evitarmos os doentes dellas, que são fócos fixos, si nos expomos, si recebemos, si deixamos approximar-se de nós, dos que nos são caros, esses fócos de molestias, que voam, que são ambulatorios, que nos buscam — as moscas?

E' preciso, portanto, a bem da saude de cada um de nós, que se persiga, que se evite, que se destrua a mosca, o mais perigoso, o mais traiçoeiro dos propagadores de molestias.

Si a mosca se gera nos monturos e só nos monturos, está claro que, si forem elles supprimidos, supprimiremos as gerações consecutivas do insecto e acabaremos por exterminal-o radicalmente. De facto, nos logares onde o asseio publico e domiciliar é rigoroso, a mosca não existe e o numero desses insectos numa localidade dá logo idéa do estado de limpeza da mesma.

Devem conservar-se a casa e os terrenos circumdantes escrupulosamente limpos, removendo-se todo o lixo, guardando-se em vaso fechado, á espera do transporte para o logar de ultimo destino.

Os alimentos, os vasos que devem contel-os, serão guardados sempre em armarios fechados, ou conservados debaixo de cobertas de tela de arame fino, afim de que não sejam tocados pelas moscas.

Para impedir a entrada das moscas em casa, a começar pela cosinha, para onde o cheiro das iguarias as attrae, dá completo resultado a applicação nas portas e janellas de téla de arame, de malha fina, que deixa entrar o ar e a luz, mas veda o accesso ao intruso perigoso.

As moscas que conseguirem penetrar em casa devem ser perseguidas e mortas e, para isso, o meio mais pratico e efficaz é o emprego do mosqueiro de vidro, carregado com café e assente sobre um prato contendo doce perfumado. E' o meio mais simples, mais asseiado; lavavel com agua e sabão, depois de esvasiado no vasadouro, elle não apresenta o inconveniente dos papeis envenenados, do formol e outros recursos que matam os insectos, fazendo-os cahir sobre o solo, sobre os moveis, etc.

A mosca, ao contrario do mosquito, gosta da luz e foge da obscuridade; aproveita-se essa particularidade, obscurecendo-se os logares que se quer livrar do importuno insecto, e, junto duma janella, duma vidraça, onde elle vae folgar, colloca-se o mosqueiro ou o péga moscas.

A TUBERCOLOSE

A tuberculose entrou já no numero das grandes preoccupações sociaes do nosso tempo.

Ha muitos annos, no tempo da allucinada geração que nos precedeu, a tuberculose era uma doença distincta, *chic*, com um vago cunho intellectual. Todo o personagem de physionomia livida e escaveirada, que tinha os olhos debruados de rôxo e era sacudido por uns accessos de tosse, inevitavelmente—fazia versos. A sociedade recebia-o com interesse, doloria-se com as suas hemoptises, rodeava-o de carinhoso amor. Mas vieram os medicos, os praticos, os terriveis destruidores das tradições e decidiram que a tuberculose era contagiosa. Falaram em microbios, em transmissão de morbus, em coisas assim inestheticas e assustadoras. E a tysica, que brilhara intensamente nos salões mundanos e no Parnaso, precipitou-se dessas alturas no abysmo da repulsa publica. Hoje, a um tuberculoso, já ninguem encommenda versos; indicam-lhe um sanatorio.

Graças à generosidade da nossa *élite*, São

Paulo está acarinhando a obra de assistencia aos tuberculosos com um interesse que nos honra. Ainda ha pouco luziram os arcos voltaicos sobre a multidão que se agglomerava no Jardim da Luz, attrahida pela exuberante caridade dum grupo de senhoras que se interessam pela construcção dum hospital especial para tuberculosos, sob os auspicios do illustre paulista dr. Olavo Egydio, e no Conservatorio Dramatico Musical realizou-se um bello concerto em beneficio de tão philanthropico emprehendimento.

Em roda do recente sanatorio de Piracicaba —tambem erguido do nada por delicadas mãos de mulher—aggrupam-se dedicações e iniciativas promettedoras. O Dispensario, a obra querida do Dr. Clemente Ferreira, continúa a funccionar regularmente, cumprindo uma missão quasi ignorada, mas abundantissima em fructos.

— Onde irá aquella moça tão elegante?

— Vai á rua Formosa n. 36, entregar á Empreza Moderna de Reclame, do Moro, o seu voto para o concurso em que se offecece uma caixa de Bitter Campari mo premio.

* * *

Amor de menino, agua em cestinho.

A fortuna é como o vidro: tanto brilha como quebra.

Onde ouro fala, tudo cala.

Da casa do gato, não sae o rato farto.

O que te disser o espelho, não te dirão em conselho.

Quem se veste de mau panno, veste muitas vezes ao anno.

OS LIVROS

(DO PADRE ANTONIO VIEIRA)

São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam verdade sem respeito, reprehendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros ingelos, disse o Padre Antonio Vieira. E, assim como á força de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente seus habitos e costumes, tambem á força de lêr os livros se aprende a doutrina que elles ensinam: forma-se o espirito, nutre-se a alma, com os bons pensamentos, e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradavel, que não ha nada com que se compare, e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir.

* * *

—Mestre, o official me surra todos os dias.

— Com que pretexto, rapaz?

— Não é com pretexto, é com vara de marmello.

* * *

—Vamos lá, meu caro senhor. Quantos annos me dá?

—Eu? Nenhum, minha senhora. Contente se com os que tem, que já são muitos.

Conselhos para a vossa Reclame

Quem não faz reclame deve ser comparado aos escriptores dos tempos antigos que se serviam das pennas de gallinha para escrever. Hoje o engenho humano inventou a machina de escrever e a caneta-tinteiro.

Os vossos melhores vendedores podem deixar-vos e prestar a outros os seus serviços, emquanto que a vossa reclame *nunca* vos abandonará, porque fórma um só conjuncto com a vossa pessoa.

Nas vossas reclames sede sempre modesto e obsequioso para com os vossos clientes

Não faleis nunca dos vossos concorrentes nas vossas reclames. Tal facto indicaria que elles existem, e lhes farieis uma reclame gratuita.

Não deis importancia ao vosso nome; não se adquirem os vossos productos porque vos chamaes o Snr. X ou Y, mas porque se espera fazer uma boa compra quando SE PROCURAM OS VOSSOS ARTIGOS.

Viveis em uma época em que tudo é moderno e novo. Ponde a vossa reclame ao nivel da vossa época e consultae a **EMPRESA MODERNA DE RECLAME,** á Rua Formosa N. 36

Sêde sempre breve e conciso nas vossas reclames; assim provareis que sois homem de negocio, e não um literato.

Não copieis a reclame dos outros: não é isso correcto e sereis despresado.

Um bello letreiro de negocio chama tanta attenção como uma bella senhora.

Quereis um bom letreiro?

Consultae "RELAMPAGO" á Rua Formosa N. 36

S. PAULO

U. Moro.

S. Paulo, 6 de Maio de 1914

N. 4	Publicação Quinzenal DIRECTOR, GELASIO PIMENTA	Anno I

Tiragem 15.000 exemplares · Assignatura: Anno . . 10$000 · Numero avulso . . . 400 réis

Chronica

Um telegramma de Toulouse, França, informa, como facto digno de ser archivado pelos contemporaneos, que o cão do grande poeta Mistral, ha pouco fallecido, morreu de tristeza pela perda do dono.

A agencia telegraphica que divulgou esta noticia pelo mundo, gastando com ella algumas centenas de mil réis, teve uma intenção cheia de profunda philosophia. Quiz mostrar, ás gentes cheias de egoismo que um mau destino traz espalhados pelo planeta, a superioridade affectiva da raça canina sobre aquella que Linneu denominou *homo sapiens*.

O cão de Mistral era um cão erudicto, clássico, que conhecia as tradições mais nobres dos seus ascendentes. O seu melancolico suicidio sobre o coval do dono é mais uma pagina na historia das grandes dedicações animaes, de que vêm cheios os almanachs e as selectas para uso da infancia.

O *gesto* — chamemos-lhe assim para empregar o calão corrente, — o *gesto* canino revela ainda que o egoismo é um mal dos homens. Os animaes conhecem a abnegação, o sacrificio, a solidariedade. Si soubessem tambem as linguas e conseguissem que nós os entendessemos, com que esplendidas licções amarrotariam o nosso orgulho de bipedes superiores!

*

O consciencioso *Times*, em cuja columna sempre pontificou a rude Verdade, informa agora os seus numerosos leitores de que o professor Neville descobriu em Abydos, no valle do Nilo, nada menos que o tumulo de Osiris.

O leitor não conheceu este consideravel personagem?... Osiris é um dos mais antigos deuses. Data do tempo das pyramides, da epoca da terceira dynastia. Ainda nós, paulistas, jaziamos no embryão das colonias phenicias e carthaginezas, donde sahiram os nossos avós, e já Osiris reinava despoticamente nas crenças egypcias, como deus vivo que fôra, intelligente e humano, bondoso com os desgraçados e intratavel com os supersticiosos.

O encontro do seu tumulo, numa destas manhans, por um professor de oculos com aro de ouro, reforçados por uma lupa de laboratorio, é extravagante e vem provar mais uma vez o nada a que o tempo reduz todos— mesmo os deuses. Osiris, que dormiu alguns milhares de seculos entre quatro paredes de pedra, torna a sentir-se aquecido pelo Sol, depois de tão vasto collapso, e a primeira pessoa que encontra junto do tumulo é... quem? Um povo de sacerdotes guiando as multidões de fieis?... Não. O pobre diabo dum professor britannico, alimentado a carnes salgadas, e a quem o deus não interessa absolutamente nada—senão sob o ponto de vista archeologico!

*

A' hora em que escrevemos, o grosso sapato *yankee* já pisou o solo mexicano; mas ainda não se evadiu, por prudencia, do alcance dos canhões da esquadra estrellada, que realisa um bloqueio nominal nas cartas do paiz inimigo.

Desde a guerra de Cuba que o nosso continente não escutava o estrondear dos canhões. São sempre os Estados Unidos que, sob pretexto de monroismo, de pacifismo e de outras cousas tranquillisadoras, rompem em excessos marciaes e mandam os seus belluarios fazer a guerra no solo estrangeiro. O tio Sam tornou-se napoleonico...

Graças á mediação do Brasil, Argentina e Chile—que pela primeira vez encontraram uma formula de união fóra do platonismo dos discursos officiaes,—acredita-se que o conflicto não tenha longa duração. A arbitragem resolverá o caso, que mascara os pruridos intervencionistas dos *yankees* com um falso zelo por não menos falsos interesses nacionaes.

Não seria mau, ainda, receitar ao presidente Wilson um pouco de brometo de potassio.

EXPEDIENTE

A" CIGARRA"

Redacção e escriptorio

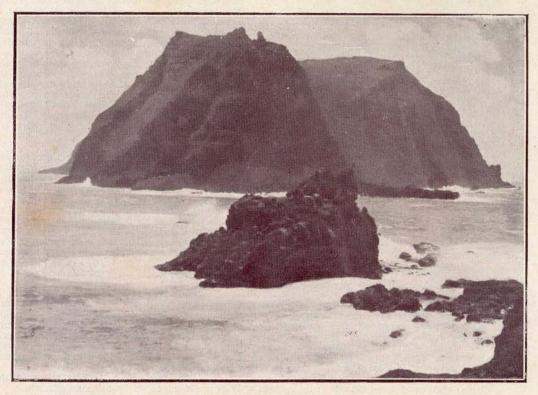
Rua Direita, 8-A (Palacete Carvalho)

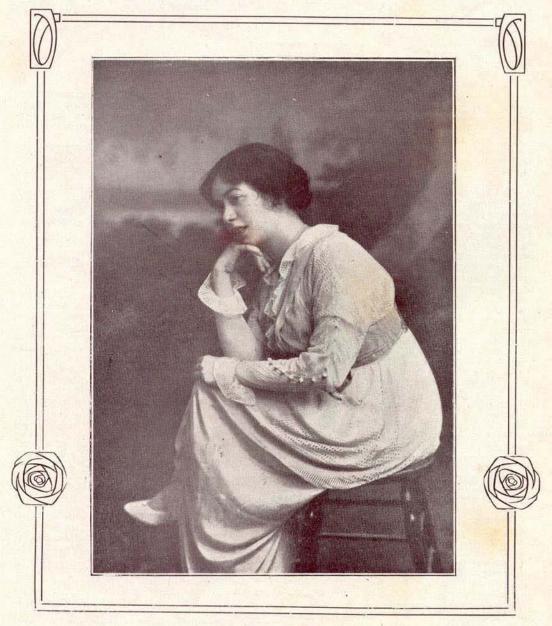
SÃO PAULO :::

A EMPRESA d'«A Cigarra» é propriedade da firma Gelasio Pimenta & Comp., de que fazem parte, como socios capitalistas, os srs. Gelasio Pimenta e Coronel Durval Vieira de Sousa, sendo o primeiro solidario e o segundo commanditario.

TODA a correspondencia relativa á redacção ou administração deve ser dirigida a Gelasio Pimenta, director da revista e gerente da empresa e endereçada á rua Direita n. 8-A, S. Paulo.

AS pessôas que tomarem uma assignatura annual d'«A CIGARRA», despenderão apenas 10$000 e terão direito a receber a revista até 31 de Maio de 1915, devendo a respectiva importancia ser enviada em carta registrada, com valor declarado, ou vale postal.

OS NOSSOS INSTANTANEOS - No Prado da Moóca

SITIOS PITORESCOS - Vista da Ilha da Madeira, enviada especialmente dalli para "A Cigarra"

VIDA SOCIAL

A GENTIL SENHORITA DINAH DE ALMEIDA

FILHA DO SR. MANOEL DE ALMEIDA

OS CONCURSOS D' "A CIGARRA"

A quem pertencia a parte inferior do rosto reproduzido no *cliché* do concurso do nosso ultimo numero? Tal a enigmatica pergunta proposta aos leitores d'*A Cigarra*, cujas faculdades divinatorias, após os exercicios dos concursos anteriores, que tão extraordinario exito obtiveram, deviam estar notavelmente desenvolvidas.

Ha muita gente, dotada de imaginação e de habitos observadores, que reconstitue facilmente mundos inteiros deante de uma molecula inexpressiva e quasi invisivel. Diz-se de Cuvier que, com o achado de um simples osso, reconstituiu sem difficuldade esplendidos exemplares da fauna ante-diluviana. Nem todos os nossos leitores tiveram a habilidade do celebre naturalista; mas é preciso observar que, em vez de um simples osso, lhe demos um trecho expressivo de uma physionomia muito conhecida, pela sua belleza, na sociedade paulista. O recorte purissimo desse meio rosto, as sinuosidades inquietas das narinas, o conjuncto dos traços que definem as linhas, as sombras macias da perspectiva, eram elementos que auxiliavam os nossos tenazes decifradores, sem contar com os recursos da anthroprometria, ao dispor do erudictos.

Os nossos concursos parecem-nos sempre de uma enorme difficuldade, e só os trazemos a publico, depois de convencidos de que, pessoalmente, não atinariamos com a sua solução. Illusão de ignorantes! Ha sempre amadores que desarmam, vinte e quatro horas depois, a nossa ironia de inventores de complicações, enviando-nos soluções certas e precisas. Foi isso o que succedeu com os concursos do ultimo numero da *Cigarra*. Não só o *loup* foi descoberto como uma leitora houve que decifrou a paternidade dos tres versos que tinhamos escolhido entre poetas celebres, illudindo inteiramente a nossa espectativa.

Vencidos pela paciencia, pela tenacidade e pela erudicção dos nossos leitores, cogitamos agora em tremendos *embroglios*, com os quaes esperamos tomar a nossa desforra. Esperamos... sem grande confiança aliás. O publico da *Cigarra* é tão astuto!...

Hoje, por exemplo, apresentamos uma Lua em quarto crescente. Offerecemos um lindo objecto de arte a quem nos disser a quem pertence o bello perfil de quem apenas deixamos apparecer uma parte na Lua.

O rosto de nosso ultimo concurso pertencia á distincta senhorita Edith Capote Valente, filha do conhecido advogado dr. Antonio Capote Valente.

Tambem obtiveram votos as exmas. senhoritas Vitalina Brazil, Fidalma Vieira de Mello, Guiomar Novaes Paulita Freire, Maria Amelia Castilho de Andrade, Julia de Carvalho, Baby Pereira de Souza, Maria Nascimento, Cibele de Barros, Maria da Gloria Capote Valente, Zezé Fleury Monteiro, Marina de Andrada e Ruth Penteado.

Acertaram, votando na senhorita Edith Capote Valente, e têm direito a concorrer ao sorteio do premio offerecido pela redacção d'«A Cigarra» as exmas. snras. d. d. Maria Trindade Cardoso de Mello, Zeilah de Freitas Valle, Antonietta F. Amaral, Maria Maia, Ruth de Caires, Maria Leonor Ratto, Martha de Souza Ratto, Nadir Meyer, Fidalma Vieira de Mello, Edméa Vieira de Mello, Evangelina de Toledo, Elisa Caiuby, Nieta C., Vera Paranaguá, Maria de Camargo, Guiomar Novaes, Ottilia Machado de Campos, Maria de Lourdes G. de Vilhena, Dulce de Barros Pereira, Maria José Lopes, Sylvia Ferreira, Maria Apparecida, Geninha de Carvalho, Diva dos Anjos, Edith Lévy, Freire de Carvalho, Angelica Livramento, Susana Fischer, Clotilde Caiuby, Celica Pinto, Ruhtra, Zelinda, Maria Augusta Lara, Gilda Lefèvre, Lili Ferreira da Silva, Cigana, Francisca Pacheco Prado, Lucilia Eugenia de Mello, Noemia Alves de Almeida, Marina Mendes, Gilda de Carvalho, Maria Antonia Rocha, Stella Briquet, e os snrs. Antonio Vergueiro Guimarães, Roberto Gonçalves, YôYô, Lincoln, Amilcar Gonçalves, Paulo de Sá Rocha, Heitor Freire de Carvalho, Zézé e Dó, José de Barros Saraiva, Joaquim de Salles Junior, Evantino M. de Oliveira, Octavio P. de Almeida, Nivaldo Filbar, Clineu B. Gaia, Theodoro de Figueiredo, Durval Villalva, J. B. Facchini, Humberto Carneiro.

Ao certamen de versos concorreram muitas pessoas. Só uma, porém, acertou: foi a exma. sra. d. Maria Campos, residente á rua Aurora n. 122, nesta capital.

A solução que nos foi enviada pela exma. snra. d. Maria Campos é a seguinte:

1.o *No alto uma estrella triste as palpebras descerra*. E' o 5.o verso do soneto *A' Noite*, do livro *Esphinges*, de Francisca Julia.

2.o *Como o bago reluz prompto para a vindima*. E' o 4.o verso do soneto *Versos Nevoentos*, do livro *Nevoas*, de Amadeu Amaral.

3.o *Fulgindo ao Sol, ao vento abroquelando o bojo*. E' o 10.o verso d'*A Partida da Monção*, do livro *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho.

A gentil Senhorita Edith Capote Valente, dona do lindo rosto posto em concurso pel' "A Cigarra"

O premio do concurso dos olhos coube, em sorteio realisado entre os que votaram na senhorita Edméa Vieira de Mello, ao cirurgião-dentista sr. Clineu Gaia, residente nesta capital.

O CÃO E O GATO

Um velho cão aposentado e magro,
Um fila honrado, com honrado nome,
Gemia assim: — O' mundo, eu, que consagro
A minha vida ao bem, morro de fome!...
Vivo a pedir um osso
E me dão ponta-pés...
— O' mundo ingrato, vês?
Não posso mais, não posso.

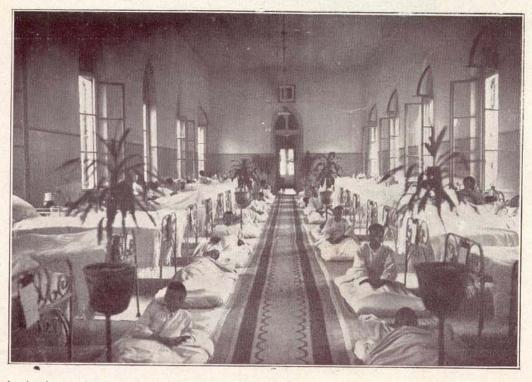
Nisto chega um solerte
Bichano, limpo, gordo, bem tratado.
— Olá, compadre cão; prazer em ver-te...
Que tens? estás tão pallido e cansado..."
E o fila lhe contou todos os males:
A crise que o assaltava, a fome, a doença.
E o gato disse: - E' em vão que tu te rales,
Contando ao mundo tua dor immensa.

Ninguem te escuta, todos
Encontram graça nessa honestidade,
E pagam com maus modos
A tua decantada lealdade.
Faze como eu: levo um vidão de rei.
Sou prestigiado e a mim ninguem me bate.
Não trabalho, e direi
Que é o trabalho um vasto disparate.

— Mas, como é que tu levas esta vida?
Ensina-m'a, por Deus, lhe disse o cão.
E o gato respondeu: — E' tão sabida:
Aprende a ser ladrão...

VICTOR CARUSO

Campinas,
Maio - 1914.

SANTA CASA

Interior de uma das enfermarias do importante estabelecimento de caridade, onde existe tal accumulação de doentes, que estes são extendidos pelo chão, nos intervallos dos leitos.

ICENTE DE CARVALHO, o grande poeta brasileiro, o magistrado impolluto — justo orgulho da terra paulista, que o conta entre os seus mais illustres filhos — publica hoje n' "A CIGARRA" mais uma linda poesia inédita.

Sentimo-nos desvanecidos com a predilecção que o notavel homem de letras tem publicamente manifestado pel' "A CIGARRA", collaborando assiduamente em todos os seus numeros e acompanhando os nossos passos com o mais vivo carinho.

Versos como os de Vicente de Carvalho, reveladores de um espirito culto e fulgurante e de uma notavel compleição artistica, tão ricos de conceitos e tão simples e espontaneos em suas linhas magistraes, são de molde a fazer successo em qualquer meio literario onde surjam.

Procurando corresponder á enorme acceitação com que o publico benevolamente nos tem acolhido, procuraremos obter para todos os numeros d' "A CIGARRA" producções inéditas do illustre auctor dos "Poemas e Canções".

SONETO

Enganei-me supondo que, de altiva,
Desdenhoza, tu vias sem receio
Desabrochar de um simples galanteio
A agreste flor desta paixão tão viva.

Era segredo teu? Adivinhei-o,
Hoje sei tudo: alerta, em defensiva,
O coração que eu tento e se me esquiva
Treme, treme de susto no teu seio.

Errou quem disse que as paixões são cegas;
Veem... deixam-se ver... Debalde insistes:
Que mais defendes si tu'alma entrégas?

Bem vejo (vejo-o nos teus olhos tristes)
Que tu, negando o amor que em vão me negas,
Mais a ti mesma do que a mim rezistes.

VICENTE DE CARVALHO

"A CIGARRA" EM CAMPINAS

O facto culminante da quinzena, e com certeza uma das notas de maior distincção nestes ultimos tempos, foi o concerto de Guiomar Novaes, realizado no salão veneravel do Club Campineiro.

Tudo quanto a nossa sociedade alta possue de intelligente, de fino, de elegante e de bello alli accorreu, attrahido por essa seducção irresistivel que as organisações raras de artistas sabem irradiar e exercer sobre as almas bem formadas.

A sala do concerto regorgitava, no esplendor das luzes, da dignidade das *toilettes* e da distincção da assistencia.

Registaram os jornaes da terra e as folhas paulistanas, com jubilo misturado de espanto, o enorme successo desse sarau de arte, numa epoca em que o bom gosto parece andar escorraçado dos seus centros dilectos pela acção dissolvente das diversões de baixo preço e baixo gosto.

A festa de Guiomar Novaes foi uma rehabilitação dos nossos creditos. Concorreu muito para esse successo a coadjuvação da grande commissão de senhoritas, cujos retratos «A Cigarra» reproduz em *cliché*.

Esse grupo gentilissimo, reunido na casa «Livro Azul», por solicitação dos srs. Castro Mendes e dr. Pelagio Lobo, chamou a si a incumbencia sympathica de promover uma recepção carinhosa e cordial em favor da pianista patricia.

Ninguem, melhor do que *mesdemoiselles*, poderia conseguir um tão estrondoso successo para esse festival.

A espectativa enorme que o concerto despertára foi excedida em todos os seus detalhes.

E' verdade que Guiomar, que aqui se fizera ouvir aos 7 annos, quando o seu promissor talento mal começára a desabotoar-se em manifestações brilhantes de futura concertista, voltou agora um nome feito, que avulta, sem favor, ao lado de mestres excelsos da divina Arte.

Mas, da série longinqua de grandes concertos que Campinas já ouviu — affirmação repetida por cem boccas — a festa de sabbado ultimo se destacou com um tão intenso brilho que os notaveis saraus de Harold Bauer, Bauer - Casals, Barroso - Milano e Vianna da Motta, pareceram apagados, no exito da sua realização e na felicidade e lisura do seu desempenho.

O programma do recital, que a redacção d'«A Cigarra» offereceu á concertista, foi guardado com carinho, como recordação de uma festa fidalga e deliciosa.

PONCIO LATINO.

"A CIGARRA" NO RIO

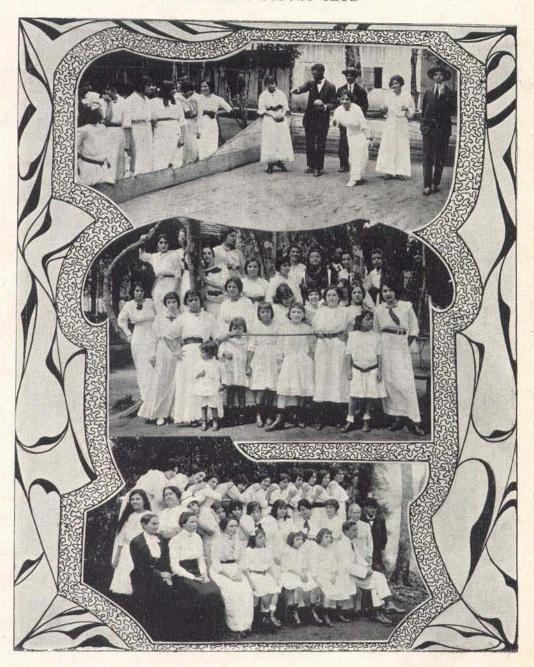
A titulo de curiosidade, estampamos um aspecto da assembléa do P. R. C. Fluminense, que acaba de realizar-se no Rio, sobre a presidencia do sr. Pinheiro Machado, que se vê ao centro da mesa.

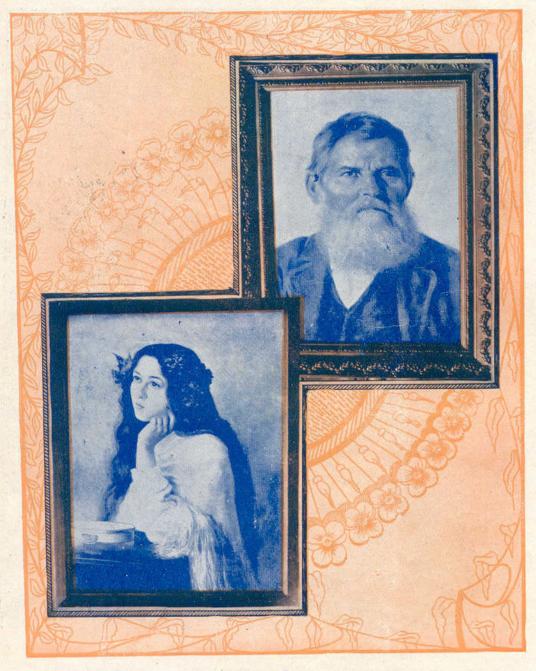
"A CIGARRA" EM CAMPINAS

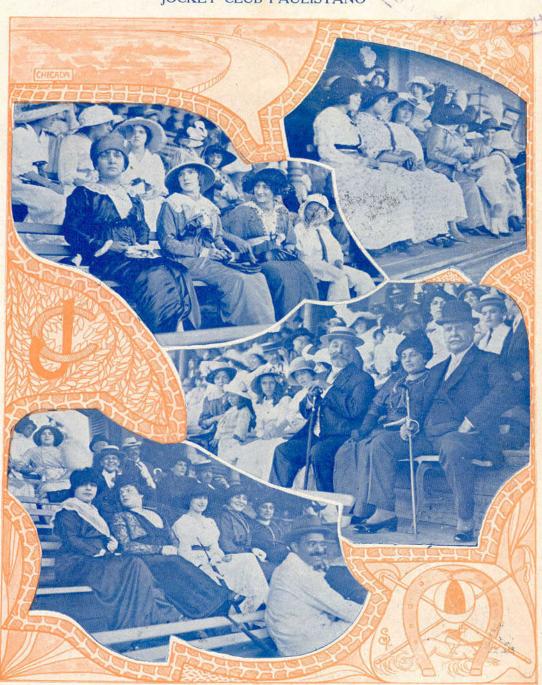
Guiomar Novaes e as distinctas senhoritas que promoveram o seu concerto na gloriosa terra de Carlos Gomes.

ECLECTICO PIC-NIC CLUB

Instantaneos tirados por um dos reporteres photographicos d' "A Cigarra", no Bosque da Saúde.

ECLECTICO PIC-NIC CLUB

Aspectos tomados para "A Cigarra", no Bosque da Saúde.

BELLAS ARTES

Duas bellas figuras executadas pela distincta pintora paulista d. Nicota Bayeu Benain, em Campinas.

JOCKEY CLUB PAULISTANO

Instantaneos tirados especialmente para "A Cigarra", no Prado da Moóca.

EDÚ CHAVES

Os ultimos vôos do intrepido aviador paulista, no Prado da Moóca. 1 - Edú posando para "A Cigarra", antes de voar. 2. - O momento da partida. 3. - Depois de realisar bellissimas evoluções, Edú descança ao lado dos amigos

A FORMIGA

Conto do notavel humorista norte-americano Mark Twain, especialmente traduzido para "A Cigarra", por Gomes dos Santos

Todos conhecem o apologo de Lafontaine, tão injusto para com a cigarra como benevolo para com a formiga. Ora, foi sempre minha opinião que, no respeitante á intelligencia, a formiga é um animal do qual se tem singularmente exagerado os merecimentos. Passei muitos verões a observal-a, quando bem poderia dar ao meu tempo um emprego muito melhor; e nunca encontrei uma formiga viva que parecesse ter mais bom senso que uma formiga morta.

Só me refiro aqui, naturalmente, á formiga ordinaria; não tenho noção alguma das maravilhosas formigas suissas e africanas, que votam como eleitores, têm exercitos bem disciplinados, escravos e controversias religiosas. Essas formigas dum genero particular, podem ser ou não tudo aquillo que um naturalista vos disser; mas, quanto a mim, estou convencido de que a formiga, a media das formigas mette dó.

E' industriosa, de accordo: não ha creatura no mundo que trabalhe com mais tenacidade, e note-se que a ninguem exceptuo; mas tem a cabeça mal equilibrada e isso desespera me.

Váe, por exemplo, á caça; faz uma presa; e depois? Que destino toma? Volta para casa? Absolutamente. Vae para toda a parte, menos para o seu buraco. Começa por não saber onde é esse buraco. A's vezes, está a tres passos delle; mas é o mesmo que não estivesse. Não dá com elle.

A sua presa consiste, ordinariamente, em qualquer cousa que não pode servir, nem para ella, nem para ninguem. Quasi sempre é um objecto sete vezes maior do que ella; pois a formiga ainda procura o peior lado para lhe pegar. Por fim, acaba por leval-o; talvez supponham que para a sua toca. . Puro engano! Para o lado inteiramente opposto. E para isso não emprega o seu passo tranquillo, deliberado, cheio de prudencia e gravidade; marcha com desespero, com uma passo excessivo, que lhe exgota completamente as forças. Esbarra numa pedrinha, e, em vez de a tornear, sobe por ella, recuando a cada passo e arrastando comsigo a carga. Dá um tombo, rebola para o outro lado, levanta-se dum pulo, encolerisada, sacode a poeira do fato, humedece as patas, torna a pegar no fardo, puxa-o de um lado para outro, fal-o passar da direita para a esquerda; empurra-o com as patas posteriores, fatiga-se cada vez mais, acaba por fazel-o mover, e depois lá segue numa direcção... sempre contraria ao seu fim.

Se em vez duma pedra o obstaculo fôr uma herva, não imagine o leitor que lhe passa pela cabeça dar uma volta em roda. Ha de por força marinhar e fazer a ascenção, arrastando a bagagem até ao ponto mais alto, o que é tão divertido como se se tratasse, para nós, de levar um sacco de farinha da Ponte Grande ao Viaducto do Chá, passando por cima do relogio da estação da Luz. Logo que chega ao alto da herva, percebe que está longe de casa, estende a vista pela paysagem, e em seguida torna a descer ou torna a cahir, uma cousa ou outra, conforme calha, e põe-se de novo a caminho, sempre em direcção opposta, bem entendido.

Decorrida meia hora, não tem conseguido avançar seis decimetros de bom piso, e, fatigada, abandona a carga. E' verdade que, durante todo esse tempo, vagueou num espaço de seis decimetros quadrados e trepou a todos as pedras e hervas que encontrou. Então, enxuga o suor da testa, espreguiça os membros e continua a viagem, sempre sem destino, e mais rapidamente do que até ahi.

Atravessa um paiz inteiro em zig-zag e acaba por tropeçar no seu primeiro carreto. Não se lembra já que foi ella propria quem o arrastou para alli. Inspecciona os arredores, procurando um caminho que não é nunca o que deve ser, põe a carga ás costas e parte novamente. Recomeça a primeira odysseia com as mesmas aventuras antecedentes; e, por fim, pára a descançar até chegar uma outra formiga.

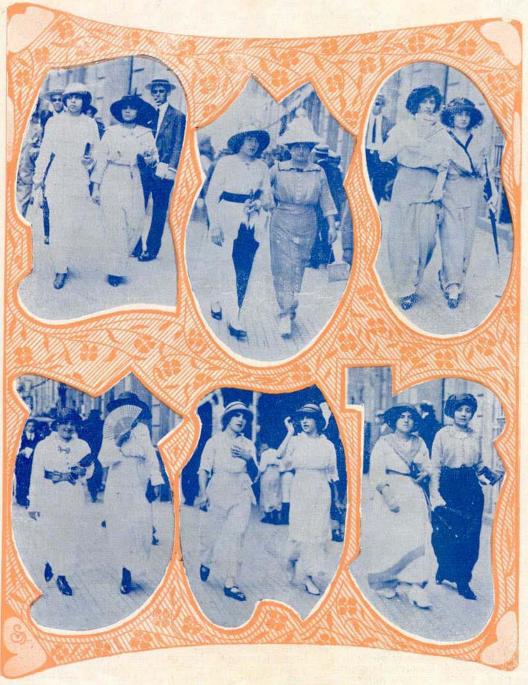
Naturalmente, esta faz a observação de que uma perna de gafanhoto, para alli abandonada desde o anno passado, é um achado magnifico e quer saber onde esta descoberta foi feita. Naturalmente, a que possue o thesouro já não sabe muito bem onde o achou, mas crê que o achou em qualquer parte. Naturalmente, a amiga offerece-se para ajudar ao transporte.

Então, com um juizo que é só proprio da formiga, pegam na perna de gafanhoto, cada uma para seu lado. Vendo que nada fazem, descançam um pedaço e deliberam. Conseguem comprehender que ha alli o que quer que seja que não está bem, mas não sabem o que possa ser. Voltam á tarefa com o mesmo ardor. E tiram o mesmo resultado. Em seguida, recriminações mutuas. Cada qual accusa a outra de obstruccionismo. Esquentam-se e a discussão termina por uma peleja.

Abraçam-se as duas e apertam-se. De lado a lado trabalha a forquilha; mordem-se reciprocamente, rolam pelo chão até uma das combatentes perder uma perna ou uma antenna e ver-se obrigada a ir coxeando para o lado donde estava puxando. Tornam em seguida a lançar mãos á obra com o mesmo furor insensato. Porem, a estropiada tem agora desvantagem; farta-se de puxar, mas a outra arrasta o fardo e com elle a camarada.

Esta ultima, em vez de renunciar, agarra-se cada vez mais e vae esfolando os joelhos pelas pedras do caminho. A pouco e pouco, quando a perna de gafanhoto já tem sido arrastada por toda a parte e reconduzida vinte vezes ao mesmo ponto, deixam-na onde a tinham encontrado. As duas formigas, banhadas em transpiração, inspeccionam-na e decidem, apóz grandes locubrações, que, afinal de contas, uma perna sêcca de gafanhoto não é cousa de grande valor.

Concluido isto, vão-se embora, em sentidos oppostos, á procura de algum prego velho, ou qualquer outro objecto, bastante pesado para que não lhes seja possivel deslocal-o, e ao mesmo tempo bastante inutil para uma formiga ter logo a ideia de o fazer reverter em seu proveito.

OS NOSSOS INSTANTANEOS

Na rua Quinze de Novembro

SILHUETA

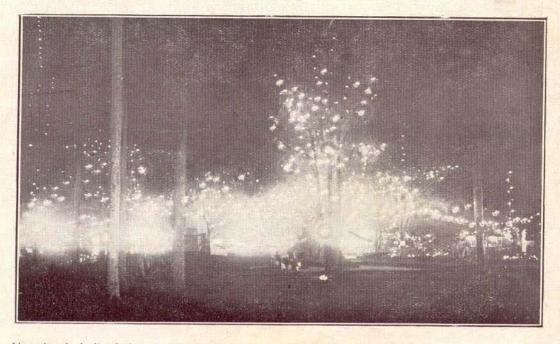
Mlle. Martha Patureau de Oliveira.

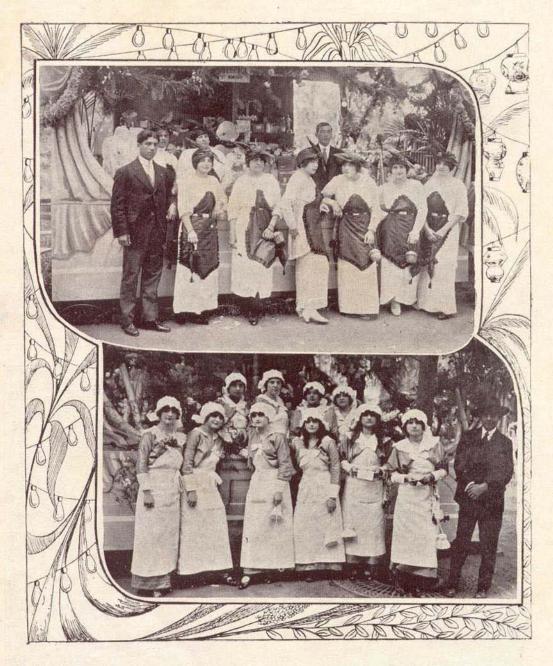
Eu sempre noto, sem que me surprehendas,
O fino gosto com que te preparas:
— Vestidos claros, deliciosas rendas,
Veranico chapéu de plumas caras.

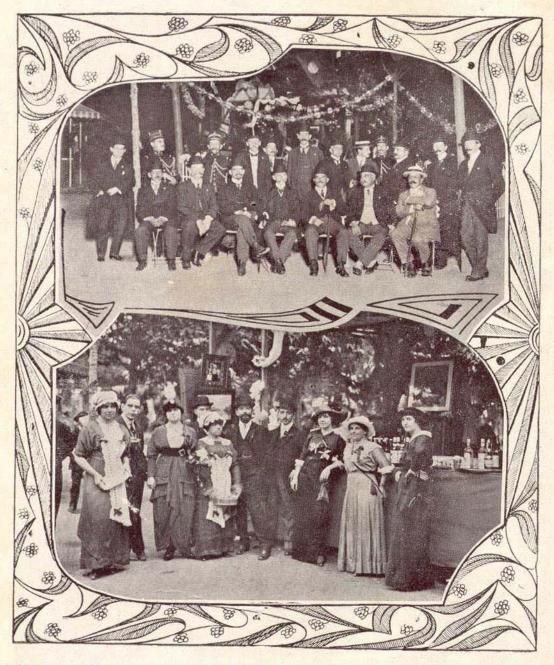
Em ti não brilham pedrarias raras,
Nem gemmas rubras, nem custosas prendas;
Mas tens a graça, quando te preparas,
Das deusas gregas das longinquas lendas!

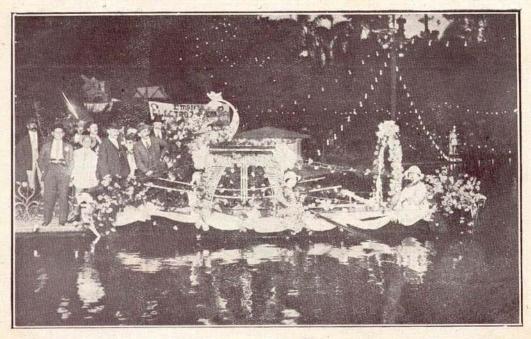
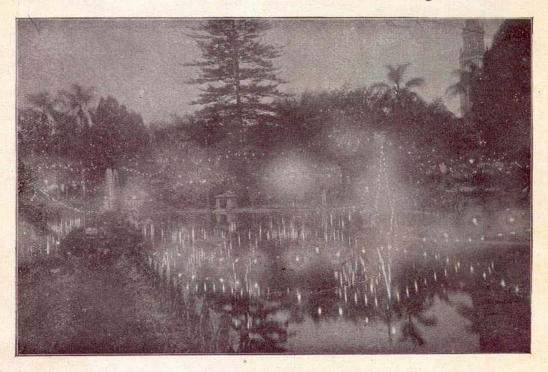
Armineo collo, meio decotada,
A bolsa ao lado, a luva bem calçada,
— Fidalgo porte de gentil rainha.

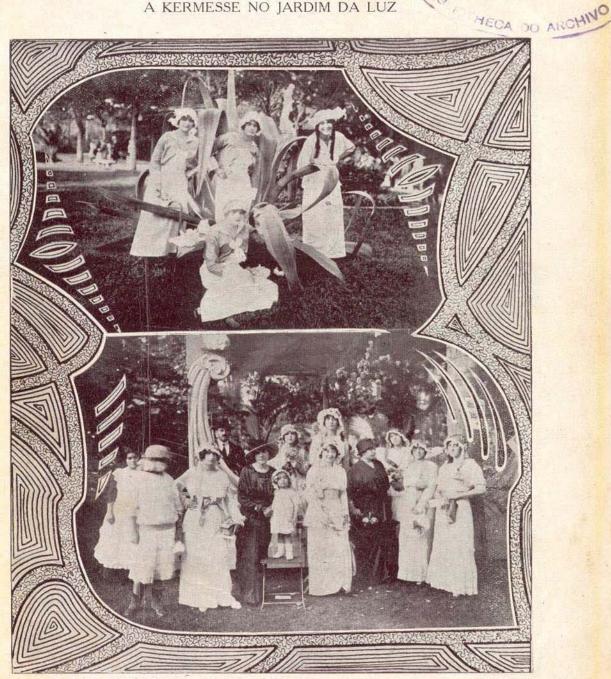
E, toda esbelta, ao Sól dourado e quente,
Passas revoluteando airosamente
Uma graciosa e trefega sombrinha...

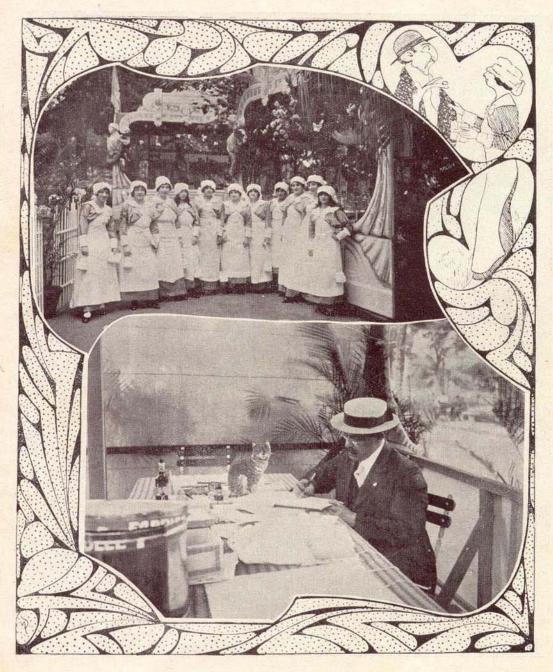
PAULO SETUBAL.

Uma vista do Jardim da Luz, á noite, durante a Kermesse alli realisada em beneficio do hospital para tuberculosos.

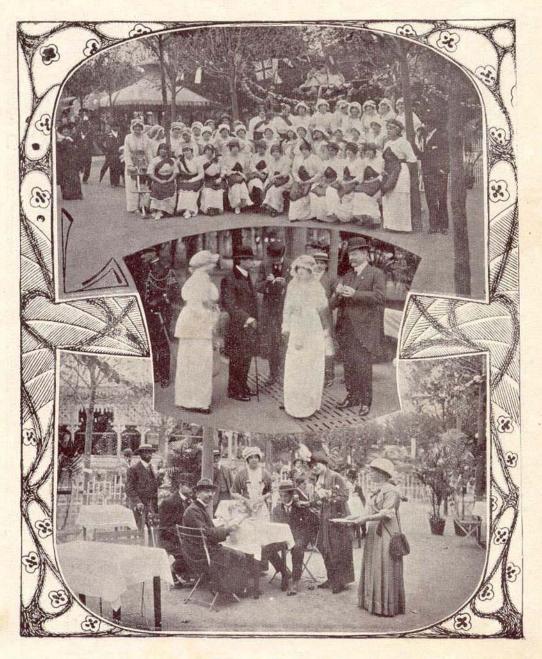
A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

1 - Vendedoras da barraca n. 7, sob a direcção da Exma. Sra. D. Julieta B. de Almeida. 2 - As enfermeiras da barraca n. 11, dirigida pela Exma. Sra. D. Balbina Vergueiro Steidel.

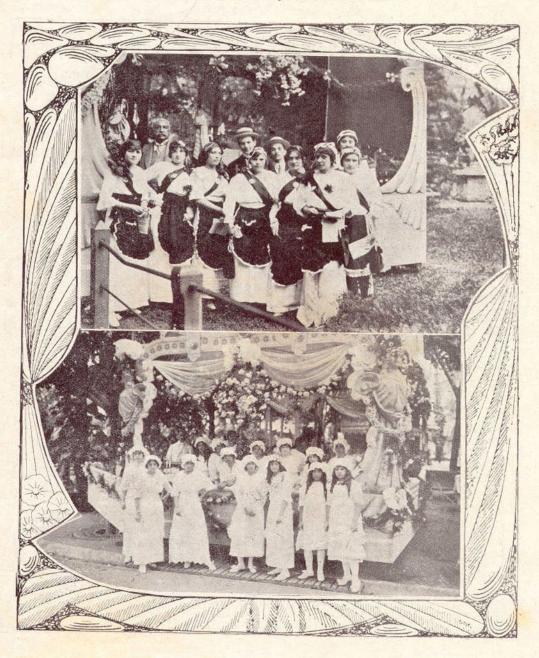
A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

1 - O mundo official e a commissão organisadora da Kermesse, posando para "A Cigarra", após o acto inaugural.
2 - Distinctas senhoritas e cavalheiros, em frente á barraca n. 13, a cargo da Exma. Sra. D. Bella Meira.

A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

Aspecto do lago, tirado com magnesio especialmente para "A Cigarra", em a noite em que se realisou a festa veneziana.

Outro aspecto do mesmo lago, tirado com magnesio, tambem para "A Cigarra", ás nove horas da noite,

A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

1 - Grupo de gentis vendedoras posando para "A Cigarra". 2 - A barraca n. 11, dirigida pela Exma. Sra. D. Elisa de Almeida Nobre

A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

Em cima: As "enfermeiras" da barraca n. 5, dirigida pela Exma. Familia Vergueiro Steidel
Em baixo: O sr. João de Sá Rocha, secretario geral da Kermesse, fazendo a respectiva escripturação.

A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

1 - Grupo de gentis vendedoras. 2 - O dr. Carlos Guimarães, presidente do Estado, comprando bilhetes da barraca n. 6. Vê-se ao lado o dr. Olavo Egydio, a quem coube a feliz iniciativa da Kermesse.

A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

1 - Vendedoras da barraca n. 12, a cargo da Exma. Sra. D. Amelia Molina de Sousa. 2 - Vendedoras da barraca n. 8, sob a direcção da Exma. Sra. D. Idalina Moraes do Amaral Pinto.

A KERMESSE NO JARDIM DA LUZ

1 - Barraca n. 2, dirigida pela Exma. Sra. D. Jessy de Souza Queiroz. 2- Os drs. Carlos Guimarães, vice-presidente do Estado em exercicio, Washington Luis, prefeito da Capital, e sua exma. esposa, Olavo Egydio, promotor da Kermesse, dr. Olavo Egydio Junior e outras pessoas gradas

ESPLENDIDA

Hontem, quando passaste descuidosa
Entre a neblina fria da manhã,
Estampada no rosto cor de rósa,
Uma alegria trefega e louçã,

Tão empoada, tão bella, tão formosa,
Vendo-te os rubros labios de romã,
Lembrei-me, sem idéa maliciosa,
Da gallinha pintada de Rostand.

Como eu te amei, querida! Os teus olhares
Brilhavam entre as sombras circulares
De negras sobrancelhas a carvão!

E tua pinta falsa! E os teus meneios!
E, sobretudo, a neve dos teus seios
Redondos de chumaços de algodão.

Pardal Trigueiro

SONHO DE NAPOLEÃO

"Viver mais do que a vida, na lethal
Agonia da esphinge transformado;
Ser um dia de bronze, eternizado
Na intangivel mudez dum pedestal;

Que importa o mundo inteiro massacrado,
Massacradas legiões ao meu ideal?
Si aos faustos do meu seculo immortal
E' rasteira a grandeza do passado..."

Heroe! Foi mais que heroe, foi semi-deus!
A gloria foi pequena por contel-o:
Foi maior que os Titans e Prometheus!

Mas, pensativa, a sua fronte inclina
Na praça de Vendôme: é o pesadelo
Duma estrella de sangue que o fascina...

Laerte Setubal

A FALA DA CAVEIRA

Ao dr. Mario Henriques

Encontrado entre os papeis do inditoso moço

Eu revolvia as cinzas do passado...
"Quem és tu?" — perguntou-me, de repente,
Uma joven caveira alvinitente,
A caveira, talvez, de um ser amado...

Sim, era a sua vóz, sonóra e quente!
De indizivel terror fiquei tomado...
Olhei, tremi, parei, enregelado...
"Quem és tu?" — perguntou-me novamente.

E'ra ella mesma! E eu ja a comprehendia...
"Quem és tu?" — repetiu; é esta a primeira
Vez que me encontras? Não. Já houve um dia"...

Sim, e eu me fui lembrando, pouco a pouco...
E eu agarrei, então, essa caveira,
E beijei-a, beijei-a, como um louco!

Mariano Mattoso

MUSA CONSOLADORA

O banqueiro, da sorte bafejado,
Póde arruinar-se um dia totalmente,
E, se vivia alegre e descuidado,
Viverá cuidadoso e descontente.

Assim o humilde, o baixo, o desprezado,
Chega a ser grande ás vezes e eminente:
Não tem firmeza, emfim, nenhum estado,
Pois todo o tempo não será presente.

Succede á noite escura o claro dia;
Logo após o temor vem a esperança;
Ora o pezar nos toma, ora a alegria.

... E tua sogra, ainda has de vel-a mansa,
Razoavel, sem vislumbre de energia:
Pois na mulher tambem tudo é mudança.

Agenor Silveira

CONSERVATORIO DRAMATICO E MUSICAL

1. - Grupo de diplomados pelo importante estabelecimento artistico de S. Paulo. 2 e 3 - Aspectos do salão durante a festa com que se solennisou a entrega de diplomas.

CONTOS DE MEL

Além, muito além d'aquella arvore que ainda verdeja na campina, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos labios... grossos, que tinha os cabellos mais negros do que as azas do urubú, e mais encaracolados que um rolo de arame bem enfarpado, era o encanto do preto João Antonio.

Nem bem a lua mostrava do azul celeste e immenso a chatidão da sua cara, já o bom João Antonio, de roupa domingueira, dirigia os seus pés de meio metro, caminho de Iracema.

Iracema resumiu toda a sua ventura.

Era-lhe mesmo a pomba predilecta, que sobre um mar de angustias conduzia

O ramo da esperança. Era-lhe a gloria,
a inspição, a patria.

O porvir de seu noivo. Era-lhe tudo... incluzive a filha de sua futura sogra, que, naturalmente, havia de fazer com que a pomba fosse varada pela flexa
do destino,

O tecto cahisse, a crença não existisse.

E ficassem a correr as lagrimas saudosas.

Qual legado acerbo de ventura extincta!

Mas que queres? Si a poesia de Fagundes vae aqui de pé quebrado, de pé mais quebrado ainda ia para a casa de Iracema — com licença de Alencar — a razão de João Antonio.

Coitado delle! Absorto nos seus sonhos de noivo, quantas vezes

Abria os olhos, pallidos de espanto.

E ficava a olhal-a toda noite em quanto,

O pae e a mãe da estrella não o mandassem embora por ser tarde!

Estava tresloucado o pobre João Antonio!

Quando os amigos lhe advertiam que era uma loucura aquelle amor, elle replicava:

Amae, para entendel-a

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrellas!

Mas ai que alguem lhe seguisse o conselho e fosse amal-a para entendel-a! O tresloucado amigo dava-lhe uma cacetada,

Capaz de ver e de escutar estrellas,
ao sol do meio dia!

Tão distrahido ia João Antonio, aquella noite, que nem deu com um ebrio a caçar frangos pela rua.

O choque foi violento!

O discipulo de Baccho rolou pelo chão enlameado, salpicando d'agua barrosa o pobre João Antonio!— Maldicto cão! exclamou elle.

O futuro genro quizera engulir em meio a phrase, mas já era tarde. O futuro sogro ouvira-lh'a toda.

João Antonio approximou-se do velho ebrio com a morte na alma:

—Perdoa-me! Eu não vi com quem falava.

O bebado teve vontade de castigar o jovem atrevido, tornando-se para elle um ex-futuro sogro. Mas reflectiu melhor, e concluiu comsigo que o castigo de retirar-lhe a filha era pequeno.

Teve uma idéa maldicta o vingativo negro, ao lembrar-se da furia insupportavel de sua cara — metade. Acudira-lhe á mente que João Antonio não podia encontrar sogra mais feroz no mundo. Apressou-se assim a dizer-lhe:

—Sim! Eu te perdôo, meu filho, noivo de minha filha, genro de minha mulher!

Tres mezes depois, João Antonio casava-se com Iracema, a virgem dos labios de mel e tinha uma sogra mais terrivel, mais amarga do que o fel.

JAFFA

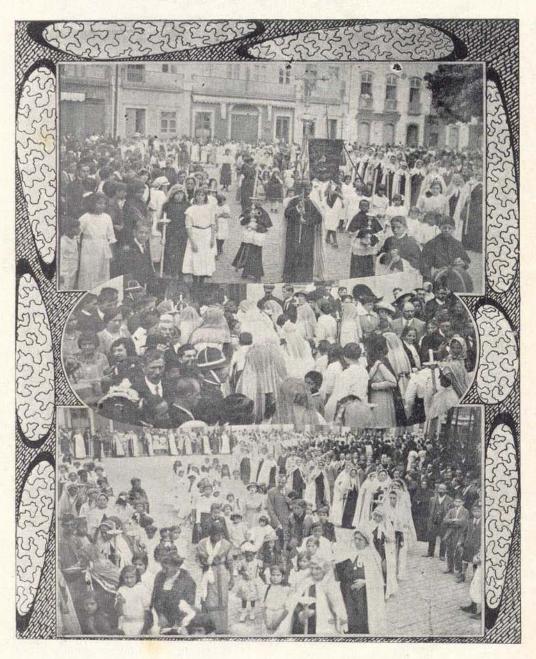
ASPECTOS DA RUA

OS MENDIGOS

Voltam as nossas ruas a ser invadidas por mendigos de toda especie, que extendem a mão á caridade publica nos logares mais frequentados, chegando mesmo a entrar nas casas de commercio do triangulo, desde as primeiras horas da manhã, e dando assim á população e sobretudo aos forasteiros um triste espectaculo da nossa miseria. Aqui é um cego guiado por uma criança, alli um aleijado, mais adeante meninos esfarrapados ou mulheres com filho ao collo, a pedirem esmolas aos transeuntes, aos quaes importunam em lamurientas toadas. Nos cafés, nos pontos dos bondes e dentro do Mercado, é onde mais enxameiam os mendigos, cujo numero cresce á medida que mais generosa se manifesta a caridade atravéz dos tostões que lhes dá. Ora é bem de ver, antes de tudo, que nesse bando de pedintes figuram sempre com grande, sinão com a maior porcentagem, os falsos invalidos, que se criam voluntariamente essa situação, para mais facilmente fazer pela vida, preferindo ao trabalho honesto a exploração da alma compassiva do povo, que se deixa sempre enternecer pela miseria alheia, sem indagar si esta traduz ou não a verdade. E não ha exaggero em affirmar que a supposta mendicidade é que domina nas ruas, exercida principalmente por paes vadios, que vivem á custa das esmolas que mandam os filhos arrecadar de porta em porta ou aos transeuntes do centro da cidade. Mulheres robustas, que podiam, mourejando honestamente, ganhar o pão de cada dia, saem com os filhos á rua e desde cedo andam em peregrinação, a exhibir uma pobreza que ellas mesmas improvisaram por seu horror ao trabalho e uma miseria que tornam mais negra ainda através dos andrajos com que de plano se cobrem para commover desde logo o coração do proximo. A cada passo, é essa impressão de falsa mendicidade que todos sentem ao encontrar um pedinte, pois raro é um cego ou um inutilisado para o trabalho quem nos extende a mão, como si, á semelhança do que occorre em capitaes do Velho Mundo, houvesse aqui uma associação organisada para, sob a capa da miseria, explorar a caridade. Claro é que semelhante situação, esse espectaculo diario que apresentam as nossas ruas não se compadece com o grau de adeantamento que é o justo orgulho do paulista, tanto mais que essa multidãode mendigos está longe de ser o expoente do estado afflictivo a que chegaram aqui os desherdados da fortuna e os flagellados pela desgraça. E o remedio para o caso se resume em internar os verdadeiros mendigos no asylo de Guapyra e em obrigar os suppostos invalidos a procurarem occupação honesta, sob as penas da lei.

COUTO DE MAGALHÃES.

ECHOS DA SEMANA SANTA - Outros aspectos da Procissão da Resurreição, tirados especialmente para "A Cigarra", no largo do Carmo.

ECHOS DA SEMANA SANTA

Varios aspectos da Procissão da Resurreição, tirados especialmente para "A Cigarra" á entrada da Egreja do Carmo.

INDISCREÇÕES

Uma espirituosa senhora escreveu ás amigas de *Mlle.*, communicando-lhes haver esta contractado casamento e pedindo o seu comparecimento á apresentação do noivo, em determinada noite.

Imagine-se a indignação de *Mlle.*, quando começou a receber felicitações pelo casamento que não contractára.... Si *Mlle.* soubesse que a auctora da pilheria alli estava, a achar que tudo "éra muito mal feito»!....

* * *

Na Faculdade de Direito:

O dr. Ulpiano, o querido professor de Direito Civil, dizia no seu "cavaco": eu bem comprehendo que nem todos os srs. pódem e devem ser "civilistas"....

— Eu, por exemplo, sou hermista, murmurou sympathico estudante chefe do P. R. C. Academico e filho de um representante do P. R. C.... de verdade.

* * *

No grande baile do Germania, *Mr.*, que é *valiente* nos *buffets* de todas as nossas festas, agradeceu e não acceitou o convite que lhe fazia *Mlle.* para irem "tomar alguma cousa".

Pudera... a festa éra de beneficencia e *Mr.*, queria deixar tudo para os... beneficiados.

* * *

Mr. foi incumbido por *Mlle.* de convidar alguns rapazes a tomarem chá em sua casa, no dia do seu natalicio.

Desempenhou-se da tarefa com uma circumstancia interessante: a todos os amigos deu falsas informações sobre o numero da casa, obtendo como resultado o seu não comparecimento.

Uma amiguinha de *Mlle.* garantiu-nos que foi muito de proposito que *Mr.* impediu os seus camaradas de irem cumprimentar a gentil anniversariante.

Seria possivel uma tal manobra?

J. REISS & COMP.

Na Berlinda

Mlle. I. G.

Uma revista abriu um concurso para saber qual éra a paulista mais «parisiense». *Mlle.* I. G. seria a victoriosa si tão sómente votassem as pessôas que, conhecendo Paris, nada ignorassem da «parisiense», desse typo em que residem, confundidos, a graça e o encanto, sem que se saiba como e quando foram adquiridos. *Mlle.* veio ha pouco de uma segunda viagem á Europa, é filha de conceituado juiz e móra nas visinhanças do «Parque Antarctica», em uma bella vivenda do «titio».

Regular de estatura, gorduchinha, cabellos castanhos e olhos escuros, vestindo-se, elegantemente, *Mlle.* só agora está aprendendo a patinar; o que ainda não sabe é dansar.

Si alguma cousa pudesse perder em não dansar e quasi nada patinar, o seu espirito — o seu vivo e irrequieto espirito — tudo suppriria, tornando-a merecedora de sincera e viva admiração.

Mlle. faz successo na sociedade sem se utilizar de dois optimos elementos de victoria.

Passeia muito, vae aos theatros, não perde o «Concordia» e é frequente nas mais finas recepções. E', emfim, o typo da paulista «parisiense», da moça *chic* e elegante.

Mr. M. de T. P.

Estudante de Direito, funccionario publico, jornalista, *sportsman*, rapaz elegante e... *otras cosas mas* — eis os differentes cargos que pesam sobre os hombros de *Mr.* M. de T. P.

De bôa estatura, moreno, cabellos e olhos negros, traços asperos e caracteristicos, *Mr.* está para findar o seu curso na gloriosa Faculdade de Direito.

Consagra-se durante o dia ao trabalho de dactylographo de importante departamento da administração, e, á noite, nada poupa para bem servir popular matutino.

E' o redactor de sua secção mundana e seu critico theatral. Talvez extranhem que um jovem já occupe um cargo importante como o de chronista artistico de apreciado jornal... E' que, com, a sua notavel inclinação para o jornalismo, tem conseguido sahir-se bem das tarefas de que é incumbido.

Dizem que não poupa os seus proprios amigos, quando collabora nas secções livres...

. . . .

Como *sportsman* defende, no *foot-ball*, as côres de uma das mais sympathicas *equipes* e como repaz fino é infallivel em nossas melhores festas.

Dissemos que *Mr.* éra mais alguma cousa, mas...

J. da SILVA MANOEL

O RIO

PARA AS CREANÇAS DAS ESCOLAS

Rio sonoro que as planicies banha
E enche de rumorejos a floresta—
Foi seu berço uma rocha na montanha,
Teve uma origem simples e modesta.

Era, em começo, um timido regato
De meiga voz e de agua crystalina:
Desalterava os passaros no matto,
Beijava o caule ás flores na campina.

As andorinhas leves e graciosas
Molhavam na corrente as azas pretas
E roçavam por elle, buliçosas,
Numa doce caricia, as borboletas.

Vez em vez, uma inquieta saracura,
Sahindo, cautelosa, do brejal,
Da sua face luminosa e pura
Mirava-se no limpido crystal.

Assim cresceu, e agora, sem descanço,
Rega os campos, fecunda as plantações,
E ora coleia preguiçoso e manso,
Ora estronda em profundos boqueirões.

E rubro — quando o sol tinge o horizonte;
Alvo — do plenilunio á luz tranquilla,
Marulha sob os arcos de uma ponte,
Reflecte as casas brancas de uma villa.

Leva a abundancia ao lar dos pescadores,
Move engenhos, carrega embarcações
E deslisa entre bençãos e louvores,
Através de cidades e sertões

RICARDO GONÇALVES

SOBRE O JOELHO

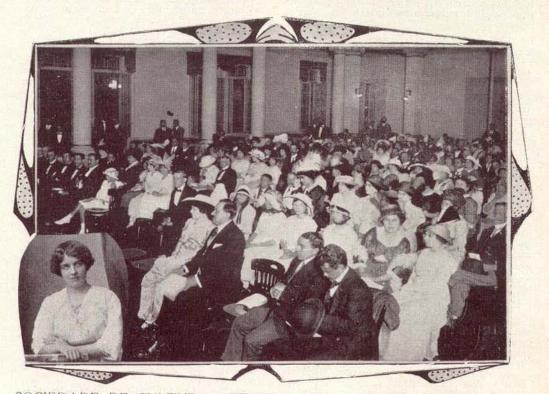
Ha quasi quinze dias estou para responder a tua carta, que aqui tenho sobre a minha mesa— lida e relida. Nella não achei as evocações sentimentaes que caracterisavam o teu estylo epistolar, no tempo em que eras a *alma do Cenaculo*. Apesar disso, lendo-a, pude resuscitar no fundo da minha memoria esses encantadores pedaços de vida que vivemos juntos, quando o mundo era ainda para nós um doce mysterio e nada sabiamos das realidades dolorosas.

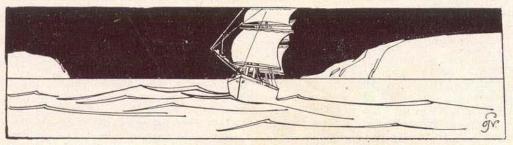
Nada sabiamos das realidades dolorosas! Emtanto, saturados de romantismo, eramos pessimistas, cultivavamos a flôr amarella do tédio, inventavamos desillusões, e, nas noites de garôa nevoenta, recitando Antonio Nobre, repetiamos com volupia: «Ah! quem me dera entrar nesse convento

Que é alem da morte e que se chama paz

Como vês, não obstante os muitos janeiros que já me vão pesando sobre os hombros, sinto-me piégas e com invencivel propensão para as tiradas lamartinianas. E' um defeito, uma quasi enfermidade da alma, que se vae aggravando de modo assustador, com o correr dos annos. Lembras-te dos tempos em que nós, por noite velha, sahiamos byronianamente das tascas sordidas do Belemzinho, como si tivessemos sahido, hirtos e desgrenhados, de uma pagina delirante da «Noite na taverna»? Pois, meu caro, lá de quando em quando, revive em mim o delicioso bohemio dessas eras remotas. Basta para isso, que um grammophone roufenho atire aos espaços, como neste momento, a «Casa branca da serra» cantada pelo Mario ou pelo Bahiano. Eu ainda tenho dessas coisas, graças a Deus.

Crê sempre no affecto verdadeiro do teu

RAUL.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA. Aspecto do Salão Germania, durante o concerto alli realisado pela notavel pianista brasileira d. Antonietta Rudge Miller. Vê-se em baixo a festejada "virtuose".

AH, SINHÁ!

(Episodio verdadeiro)

Faltavam apenas quinze dias para que o trem chegasse pela primeira vez a Pindamonhangaba e da côrte viera uma carta, assegurando que o Imperador visitaria a cidade.

Imaginae o jubilo da população ao saber da nova e a azafama nos interiores domesticos, onde ja nadavam em fartura os doces, as iguarias, os vinhos licorosos, emquanto a criadagem limpava, tornava reluzentes os soalhos, os vidros das janellas, os metaes dos espelhos!

A municipalidade tinha mandado preparar as ruas. As frontarias das casas rebrilhavam de brancura e ia começar-se agora o serviço de ornamentação, com arcos triumphaes, bandeiras e festões.

Depois era esperada gente de qualidade. Na primeira noite de festa haveria um grande baile no theatro, discursos e poesias, além de uma manifestação exterior, glorificando o nome do soberano, por entre vivas e foguetes.

Esta parte do programma exaltava a imaginação das familias e cada uma dellas procurava dar ás suas residencias um cunho elegante e «chic», condizente com a importancia dos hospedes.

Uma casa, porém, parecia indifferente á lufa-lufa da cidade. Era a chamada «Casa do Rio», grande, pesada, com as suas oito janellas voltadas para a serra e o pateo aberto para uma larga escadaria, por onde trepava, dum lado e do outro, um exercito de plantas e flores.

A' vetustez do predio juntava-se o silencio e a solidão. Nas grandes salas havia pouca mobilia, um ou outro quadro a oleo e umas guarnições de sêda rôtas e desbotadas. Tudo, porém, apesar de velho, era limpo, desde os sophás senhoreaes até ás figurinhas que, esculpidas a microscopio, dormiam sobre o marmore das consoles. E das janellas semi-abertas vinha uma claridade discreta, que punha no contorno das coisas um brilho melancholico.

Emtanto, vinte annos atraz, todos esses aposentos haviam servido com brilho e opulencia ás phantasias romanescas de uma grande familia, cujos membros o destino puzera em debandada, uns para terras extranhas, outros para a morte.

Agora no pesado casarão, restava apenas a unica sobrevivente de uma estirpe de endinheirados, d. Maria Paes, solteirona, quarenta annos, um enorme e vehemente orgulho a alimentar-lhe a impetuosidade physica de matrona que não alcançou na vida o goso de ser amada; e uma mucama, Angelina, sua afilhada, typo de crioula, fino, intelligente, amoravel.

Ora, nessa manhã, na sala que menos injurias recebera do tempo, d. Maria Paes ia e vinha, com passos indecisos, presa de uma ideia que lhe enchia o cerebro. Tinham-lhe mandado o convite para o baile e ella, sem ter com que pagar, havia mandado fazer um vestido cujo luxo reavivasse no espirito dos convidados a antiga riqueza da familia Paes. Agora, num desespero, resuscitava um passado longinquo e, por entre um cortejo de coisas mortas, evocava a ultima memoria que a fazia tremer, a memoria daquelle guapo moço da Bocaina, de espaduas de hercules e tez morena, cujo desprezo por ella lhe tornára o coração viuvo. Ai, o que fôra e o que era! O arrependimento vinha-lhe então como uma grande sombra, dentro da qual ella via batalhar irmão e parentes na disputa de uma herança mal repartida e os seus olhos, fulgurantes de orgulho num corpo de estatua fria, voltavam-se para o espelho do rio, onde as aguas pareciam offerecer-lhe a imagem das coisas da vida. Estava Maria Paes embebida nestas cogitações, quando, de fóra, bateram palmas. Ella correu ao alto da escada, olhou. Eram o tabellião Pereira e Sizinando Padilha, um fazendeiro rico, seu parente ainda.

—Entrem, entrem;

Os dois homens entraram na sala, comprimentaram. O fazendeiro sentára-se num sophá. O notario, esse, abancando a uma mesa do centro, extendeu a pasta de couro, pediu tinteiro e penna. Depois, voltando-se para Sinhá e Sizinando, perguntou, ageitando os oculos na testa:

—Posso começar?

Os dois responderam affirmativamente com um movimento de cabeça e agora, no silencio da sala, ouvia-se cantar no papel a penna do tabellião.

Sizinando, com os olhos em alvo, ia admirando o «plafond» da sala, em que dois anjos, cada um sustendo nas mãosinhas polpudas uma cesta de flores, pareciam offertal-as á deusa Fortuna, emquanto por seu lado Maria Paes, torcendo nas mãos nervosas o pequeno avental bordado, tinha os olhos fixos no retrato do seu progenitor.

Quinze minutos depois, o tabellião affastava com ruido a cadeira, levantava-se, limpava os oculos, que collocou na testa. E voltando-se para Maria Paes:

—E' necessario que a creoula venha.

—Angelina!, gritou Sinhá com voz tremula.

E no limiar logo surgiu a mucama. Era alta, magra, flexivel, o rosto chupado, onde brilhavam uns olhos negros e grandes. Dando de cara com os dois homens, um dos quaes, o notario, que conhecia, fez-se-lhe um vinco na testa e na bocca uma contracção.

—Aqui estou, Sinhá.

Maria Paes, sem a encarar, fez-lhe um signal para que ficasse e logo o Pereira, tendo nas mãos esqualidas o papel, ergueu a voz, e começou a lêr:

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo...»

Angelina estava varada de espanto.

As ideias, no seu cerebro misturavam-se, num grande desmancho. O que era aquillo tudo? Iriam ficar sem a casa, onde a sua infancia e adolescencia haviam decorrido por entre horas agonicas de trabalho? Mas não podia ser! Sinhá enlouquecera! Como desfazer-se do unico immovel que lhe restava? Para onde irem ao depois? E aquelle coração de moça estremecia á ideia do que seria o outro dia, sem a «Casa do Rio». Não ha visão que dê o perfil moral dessa creatura, durante as alternativas duma falsa opulencia e duma penuria verdadeira. O que ella sentia era bem a dôr innarravel ante o naufragio do que ella suppunha o ultimo destroço.

Nisto, a voz do tabellião elevára-se mais e dissera:

«...confesso vender, como de facto vendido tenho, a minha mucama Angelina...»

Ao ouvir a phrase, a creoula deu um salto, arregalou os olhos. Fixou-os depois, a tremer, no busto erecto, sobranceiro, de sua madrinha, que de cabeça alta, as mãos torcidas, o olhar fixo no retrato do pae, parecia alheia ao que se passava.

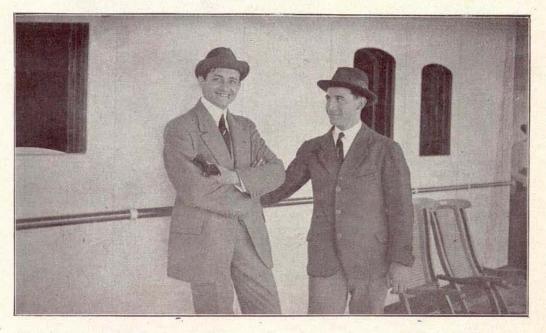
Então a creoula, fazendo um grande esforço, conseguira dizer:

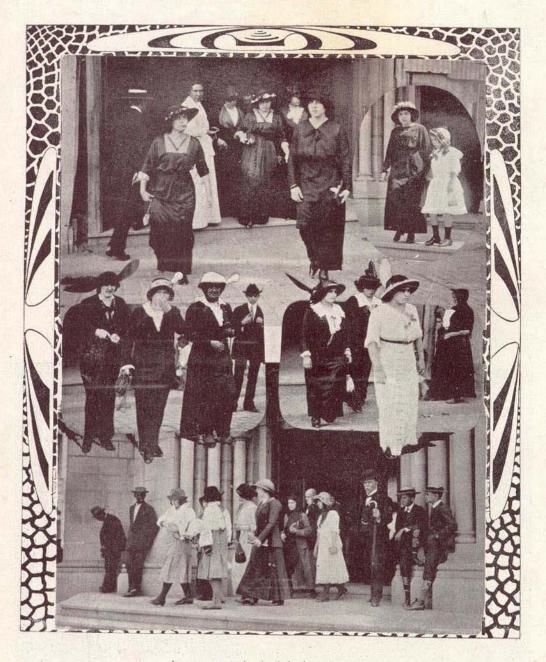
—Trocar-me por um vestido... Ah, Sinhá! Que ingratidão!...

E Maria Paes, agora encarando a mucama e vendo nos seus olhos duas lagrimas grandes e redondas, sentiu no coração uma pequenina dôr, não pela venda que acabava de realisar, mas porque essas lagrimas traziam á sua lembrança dois diamantes finos, que outr'ora tinham brilhado no lobulo das suas orelhas...

S. Paulo, 1 de Maio de 1914

MANOEL LEIROZ.

"A CIGARRA" NO RIO

O aviador paraguayo Petirossi, que acaba de chegar ao Rio, onde vae realisar o sensacional "looping the loop".

ECHOS DA SEMANA SANTA

Instantaneos tirados á sahida de varias egrejas.

Conhecem J. Reiss & Comp.?

São os auctores de uma nova secção hoje publicada pel'«A Cigarra».

Um pouco de indiscreção sem fazer mal a ninguem: «tocar sem ferir, sem machucar» eis o programma dos nossos novos collaboradores.

Como é natural, «J. Reiss e Cia» representam uma associação secreta a que pertencem varias pessôas: o chefe da firma é sympathico jornalista e são seus auxiliares um estudante, duas moças morenas e uma loura. Estas ultimas, cada qual mais seductora e observadora nas pequeninas cousas que, sem parecer, muito querem dizer, constituem a segura garantia do successo da secção.

Cumpre-nos garantir serem absolutamente verdadeiras as «indiscreções» publicadas hoje.

Um bebado passa ao pé de um moinho e exclama:

— Oh! que moinho maravilhoso! Si com o peso da agua dá tantas voltas, imagine-se quantas não daria si fosse movido a pinga!

—

Uma noite, na Opera, de Paris, Massenet viu um espectador a dormir durante a representação de uma opera de Saint-Saëns—a *Sansão e Dalila*.

— Olha, disse Massenet a Saint-Saëns, o effeito que produz a tua peça.

Em a noite seguinte, representava-se a *Manon*, de Massenet, que estava regendo a orchestra. De repente, Saint-Saëns bate-lhe nas costas e, apontando, para um individuo que se achava a resonar, diz:

— Veja que tambem as suas peças fazem adormecer...

Massenet retrucou-lhe com a maior fleugma;

— Está muito enganado. Aquelle sujeito que alli está é o mesmo de hontem, que ainda não acordou.

—

Um ingenuo pergunta a Victor Hugo:

— Mestre, é muito difficil fazer versos?

— Não, respondeu o poeta, com doçura. E' muito facil ou impossivel.

—

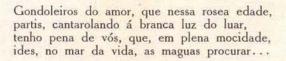
Ensaia-se o *Lohengrin*, de Wagner.

De repente o regente faz parar a orchestra e exclama furioso:

— Ha aqui um erro por força, neste com-passo. Nenhum instrumento desafinou!

Grupo de novos engenheiros pela Escola Polytechnica de S. Paulo

VOLTA DO PEREGRINO

Gondoleiros do amor, que nessa rosea edade,
partis, cantarolando á branca luz do luar,
tenho pena de vós, que, em plena mocidade,
ides, no mar da vida, as maguas procurar...

Tambem eu fui contente... E agora, com saudade,
relembro esse bom tempo, em que deixei meu lar.
Sim, eu fui como vós, cantando, em liberdade,
desconhecendo o Mundo, o vasto lupanar...

E'ra moço ao partir, mas, entretanto, agora,
como um velho, regresso, e a soluçar, maldigo
esse nefando dia, essa manhã de outróra...

As andorinhas vêm... Já vae fugindo o outono...
E eu volto soluçando, em busca de um abrigo,
onde possa dormir meu derradeiro somno...

PAULINO DE ALMEIDA

Interessante grupo photographado no Jardim da Acclimação, após um pic-nic.

"A CIGARRA" SPORTIVA

PERFIS

III

Este bacharel tachygraphico, de origem scandinava e procedente do Estado do Paraná, faz parte integrante e ornamental da nossa alta sociedade e figura como legitimo e brilhante representante da élite dos *tennismen* paulistas. E' um typo representativo dos *self-made-men*, pois, desde as remotas eras em que usava bigodes a gato, trabalha nas conquistas prosaicas e burguezas deste mundo. Que o digam os nossos paes da Patria, cuja palraria ôca e insipida tem sido tanta vez "garatujada" pelas mãos finas e nervosas deste apaixonado amador do *tennis*.
De uma feita, ouvindo falar das difficuldades do elegante sport, entendeu de vencel-as á custa de uma tenacidade ja tantas vezes posta á prova. Resultado: exercita-se 25 horas por dia e tornou-se, de facto, um jogador de primeira categoria.

Phrase caracteristica: "A Patria é um mytho e tudo o mais são historias".

M. C.

OS NOSSOS INSTANTANEOS — No Jockey Club

NA CHACARA DA FLORESTA 1.- Uma canôa do Club de Regatas S. Paulo, guarnecida por gentis senhoritas. 2.- Após um training do A. A. das Palmeiras, os guapos foot-ballers posam para "A Cigarra."

— Não perca o seu tempo, cavalheiro. Já lhe disse que meu pae o detesta, e eu não me caso contra a sua vontade.

— E si eu lhe levasse uma caixa de licores Antarctica de presente?

— Talvez cedesse. Meu pae adora aquelles magnificos licores.

—Então não se convenceu ainda da grande influencia exercida pelo canto?...

—Certamente que sim, e a prova é que já mudei varias vezes de casa, por não poder aturar os terriveis cantores da vizinhança.

—

Em uma Secretaria:

Entra um candidato a emprego e cumula o secretario de elogios, louvando-lhe o alto tino administrativo.

—Eu já os conheço todos, diz-lhe o secretario. Emquanto precisam pedir, são ferteis de louvores, mas, depois de servidos, ninguem os eguala nas verrinas.

—Esteja V. Exc. descançado. Eu tenho sempre o que pedir.

*

O peixeiro á cosinheira:

—A sua patrôa está constipada?

—Porque?

—Trago uma tainha bem passada...

—

Um doente ao seu médico assistente.

—Nunca me esquecerei que lhe devo a vida, doutor,

—E as visitas...

—Que lhe retribuirei logo que puder sahir á rua.

—

—Quando pediu a mão de minha filha, gabava se de dispôr de avuitadas quantias.

—Naturalmente: Eu era fiel do thesoureiro...

***

NA ESCOLA DE CHAUFFEURS

O professor: — Que é uma *panne?*

O alumno: — Não sei; só guio a *Hupmobile*.

a Formiga

Jornal das Creanças

Anno 1 - Num. 4

SEGUNDO CONCURSO

Como o anterior, despertou vivo interesse entre a creançada o segundo concurso d'"A Formiga». Desta vez, porém, foram poucos os que acertaram. A phrase que haviamos escripto e encerrado em um enveloppe lacrado, dando o motivo pelo qual chorava o pequeno de nossa gravura, era a seguinte:

«Porque não tem 400 réis para comprar «A Cigarra» e ler «A Formiga».

Deram resposta exacta os seguintes meninos: Joãozinho Bohn Prado, Arnaldo Pinto e Tita Azevedo.

Entre esses tres pequenos faremos amanhã ás quatro horas da tarde, na redacção d'«A Cigarra», sorteio para o premio de uma libra esterlina por nós offerecida.

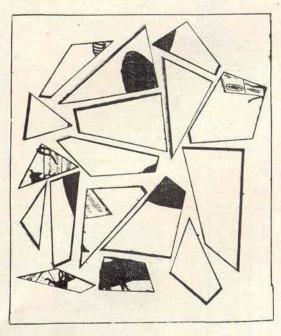
A' vista do successo dos concursos d'«A Formiga», resolvemos dar tambem um pacote de finissimos bonbons aos seguintes meninos, que tambem se distinguiram em nosso segundo concurso, uns por se haverem approximado da solução, outros pelo espirito com que nos responderam: Esther de Albuquerque Costa, Alzira Ribeiro, Fernando Cardoso, Elza Medeiros Peixoto, Joaquim Petrilli, Melica F. Guilim, Paulo Galvão, Jandyra de Carvalho, Joaquim Vieira, Dirce Stamato, Guiomar Pinto, Cecilia Pinto, Edgard Lopes, Maria Apparecida, Heloide Rocha, Celso de Souza, Graciette J. Carvalho, Laurinha Maria Ayrosa, Gontran de Sá Rocha, Frederico Albuquerque, Antonio Mendes da Costa Junior, Emilia Villela Giudice e Esther Richards.

Os premios do primeiro concurso que ainda não foram entregues, estão em nossa redacção, á disposição dos pequenos aos quaes competem de accordo com o sorteio que realisámos.

TERCEIRO CONCURSO

Consiste o nosso terceiro concurso em cortar os desenhos da estampa que abaixo publicamos, e formar com elles dois bichinhos muito conhecidos dos nossos queridos amiguinhos.

Experimentem, e verão como é facil.

Offerecemos como premio uma libra esterlina.

Um caipira entra numa lojinha do interior de São Paulo para comprar fazendas.

Tendo falado com o dono da loja, este lhe pergunta: *"quê cô quê?"*

O caipira, que não faz questão de côres, responde: *"Cá quê cô"*

GALERIA D' A FORMIGA — 1. - Carlos e Helena, filhos do sr. Charles Miller. 2 - Betinho, filhinho do sr. Dagoberto Guimarães. 3. - Adelia e Maria, filhas do sr. Emilio Israel. 4 - Lucila, Antonietta e Celia, filhas do sr. coronel Durval Vieira de Souza. 5 - Oscarzinho, filho do sr. Oscar Pereira. 6 - Dinorah Maria Luiza, filha do sr. Adolpho A. Marques. 7 - Maria de Lourdes, filha do dr. Guilherme P. Guimarães e netta do dr. Candido Espinheira.

NOÇÕES UTEIS

Entre os tecidos que mais convêm ao homem citam os hygienistas a lã. Pessimo conductor e bom irradiador do calorico, poroso, excitando a circulação capillar da pelle, susceptivel de dar fazendas leves, a lã possue todas as virtudes para um excellente vestuario.

Mantegazza recommenda o uso das roupas de lã no inverno e no principio da primavera.

E' conveniente, diz o mesmo hygienista, trazer sempre uma camisa de flanella durante quatro ou seis mezes do anno. Os individuos delicados e que têm disposição para adoecer do peito, devem usal-a no verão. O que não puder supportar o contacto da lã por ter a pelle excessivamente irritavel, deve usal-a debaixo de uma camisa de algodão, ou então, e isto é muito melhor, deve fazer todos os sacrificios até acostumar-se.

O uso habitual da flanella basta para defender-nos milhares de vezes dos frequentes resfriamentos, dos rheumatismos que se apanham no nosso clima, e para proteger-nos contra a tisica.

—

O chocolate é feito da amendoa, do cacaoeiro, misturado com assucar e substancias aromaticas.

Si quizermos comparar o seu poder nutritivo com o de outros alimentos, veremos que se assemelha mais ao queijo do que a qualquer outro, apezar desta ultima substancia conter agua e azoto.

A proporção dos elementos nutritivos de 30 grammas de chocolate póde ser calculada em 22,65 e a da mesma quantidade de carne sem osso em 7,20; o que equivale a dizer que, em quantidades eguaes, o chocolate é tres vezes mais nutritivo do que a carne.

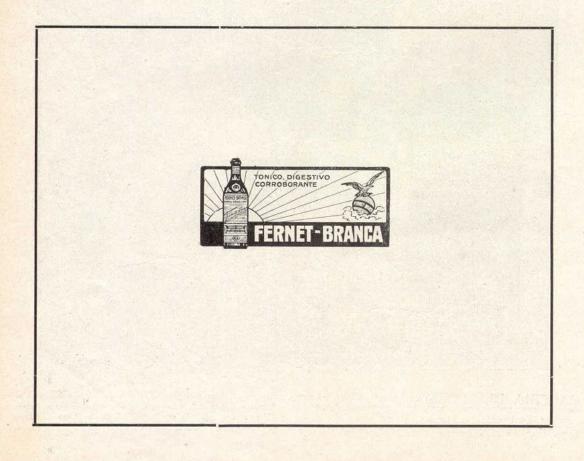
O chocolate é analeptico e convem aos individuos debilitados por penosas enfermidades e enfraquecidos por certos excessos, etc. E' raro que os dyspepticos o possam digerir. As pessoas que têm propensões para a obesidade devem preferir o chá ou o café.

O uso do chocolate não deve ser contrahido sinão quando fôr facilmente digerido.

—

Uma das causas mais frequentes das molestias graves é o resfriamento subito.

No estado de transpiração é imprudente, se não arriscado, parar ao vento, tomar bebidas muito frias, deixar seccar a roupa no corpo. Se, por qualquer acidente, a transpiração pára e ha calafrios, é prudente provocar o seu reapparecimento, já pelo exercicio, andando, já por bebidas quentes ou alcoolicas.

Em tempo frio, principalmente á noite, ao sahir-se de um logar aquecido para a friagem exterior, deve-se tapar com o lenço, ou mesmo com a mão, o nariz, ir depois descobrindo-o aos poucos. E' uma cautéla necessaria, que em muito evita o resfriamento dos pulmões.

CAMPEONATO DE TIRO AOS POMBOS

Aspectos das ultimas provas realisadas no Stand de Santo Amaro

Emquanto a revista mantiver a sua publicação quinzenal, resolvemos organisar concursos charadisticos com 12 problemas cada um, de sorte que a cada numero d'«A Cigarra» corresponderá um concurso. A apuração será sempre feita no numero seguinte, com a publicação do nome de todos os concorrentes que tiverem enviado as soluções até uma semana depois da sahida da revista.

Publicaremos de preferencia problemas de facil solução, de modo a augmentar sempre o numero de candidatos ao premio, que será sorteado entre os maiores decifradores. Assim procuramos evitar os inconvenientes dos grandes prazos que sempre decorrem até chegar-se ao resultado de qualquer torneio.

* * *

REGULAMENTO

Concorrentes. — Os srs. charadistas devem dirigir-se por escripto a *Jayfersil*, redacção d'«A Cigarra», rua Direita n. 8-A, S. Paulo, indicando os verdadeiros nomes, pseudonymos e residencias.

Trabalhos. — Devem vir acompanhados das respectivas soluções organisadas de accôrdo com os diccionarios adoptados.

Não se acceitam logogriphos com menos de 4 soluções parciaes nem com mais de 20 letras no conceito.

Diccionarios. — Adoptamos os seguintes: Simões da Fonseca, Chompré (Fabula), J. I. Roquete, Fonseca e Roquete (Synonymos) e Auxiliar dos Charadistas (Bandeira)

Prazo para as soluções. — As soluções devem dar entrada na redacção até uma semana depois da publicação da revista.

1.o CONCURSO

(50 problemas)

Soluções do n. 2

Nrs: 13, Morsolo; 14, Yedo; 15, Glauco; 16, Barbote; 17, Laracha, rapapé, Chapecó; 18, Roca, calha, rocalha; 19 Affecto sincero; 20, Virago, Vigo.

DECIFRADORES

Zeilah—ex-Conde de Phoenix, Phalena, Gil Duarte, Luiza Vatri, Lulu, 7 pontos; Cordeirinho, 6; Lygia, Rosa, Zap, João Rois (Rio), 5; Zulmira, 4.

———

32 — NOVISSIMA

Que enfado! muito custa ser abastado. —1—2

Lygia

33 — BIFRONTE

(Ao valente Zeilah,)

Troquei um *pão pequeno* por um *cacho de flôres*—3

Dr. Expedito.

34 — ELECTRICA

No Imperio Celeste haverá dinheiro? —2

Zulmira.

35 — Néo BISADA

2—*Má* mulher anda no rio—3

Phalena.

36 — AUXILIAR

... + tampa — figura
... + banga — serra
... + reo — aposta
... + na - angra
... + ez — philosopho allemão
... + bi — rio
Conceito: *Extravagante*

Lulu.

37 — AUGMENTATIVA

Certa peça de navio muito se parece com um antigo canhão de 3 pollegadas de diametro—2

Dr. Patinho

38 — MEDIA

3 — No frontespicio do livro lê-se o nome de uma bebida—1

João Rois (Rio).

39 — AUXILIAR

... + baz — comilão
.. + ça — fardo
... + do — nascido
Conceito: *Mentira*

Paula (Santos)

40 — SYNCOPADA

3—Tenho no armario um livro especial sobre um dos quatro pontos cardeaes—2

Zap!

21 — LOGOGRIPHO

Quando na tona do mar
Eu costumo navegar—3—5—4—1—2
Levo em minha bagagem
Este objecto precioso
P'ra touristes em viagem—2—4—1—2

Na egreja encontrarão—2—4—5
A palavra em questão,
E em certo restaurante—3—5—4
Onde todos, todos comem.

Lá nas montanhas dos Alpes
Vivo sempre mui contente;
Não faço mal a ninguem
E sustento muita gente.

Nenê Miloty.

22 a 24 — BIFRONTES

(Ao Valente *Zeilah*).

Troquei um *pão pequeno* por um *cacho de flores*.—3

Dr. Expedito,

CORRESPONDENCIA

Divette — Completámos a inscripção. Vamos examinar os problemas que nos enviou para publicação.

Cordeirinho — Estão um pouco fracos ainda os seus trabalhos. Depois de corrigidos, talvez sejam publicados.

Zeilah, ex-Conde de Phoenix. — Attendido.

Nhô Quim. — *Lord Lister*, brilhante charadista actualmente afastado do campo de luctas, em attenciosa carta que nos remetteu, acompanhada da solução exacta do problema n. 24, pede que agradeçamos em seu nome a dedicatoria que o collega lhe fez desse trabalho,

Deseja tambem esse nosso illustrado collega saber o seu endereço; mas para isso torna-se necessaria uma auctorisação de sua parte, dado o compromisso de reserva que mantemos para com os nossos collaboradores.

Gil Duarte. — Os problemas devem vir acompanhados das respectivas soluções.

Britto — Fizemos a sua inscripção.

JAYFERSIL

Um sujeito foi comprar um facto a certo alfaiate conhecido, e, dizendo-lhe este quanto queria por elle, o freguez achou que o preço era excessivamente caro para um amigo.

—Pois, meu caro senhor, lhe respondeu o alfaiate, não sei o que lhe faça; com os amigos que é nós devemos ganhar, porque os inimigos não nos procuram.

***

Perguntaram a um agiota porque viajava de segunda classe, e elle respondeu:

—Porque não ha terceira.

***

O seu pae deve 200$000 a juro de 12 % ao anno. No fim do anno quanto paga?

—Nada.

—O menino não sabe arithmetica....

—Não, senhor; mas conheço meu pae.

***

Soube, com desgosto, meu filho, que tu te entregavas ao jogo.

—Eu, papá!

—Sim, tu. Não negues; ainda ante-hontem perdeste vinte mil réis ao voltarete.

—Ora, adeus? Como é possivel isso, se eu não sei jogar o voltarete?

—Foi justamente o que me disse a pessoa que te ganhou os vinte mil réis.

***

Um actor, que fazia o papel de preso, tinha de ler uma carta no carcere. Levavam-lhe sempre a carta escripta. Uma vez o supposto carcereiro entregou-lhe dentro do subscripto um papel em branco.

O outro ficou passado, mas, sem se atrapalhar, disse-lhe:

— Carcereiro, deixe-me fazer uma triste e dolorosa confissão. Meus paes, que me não souberam desviar da estrada do crime, tambem não me deram a instrucção que tantas desgraças me podia ter evitado. Eu não sei ler Por quem é, leia-me isso.

O outro sahiu-se bem.

—Pois sim! respondeu, mas nesse caso deixe-me ir buscar os oculos.

Foi, trouxe os occulos... e a carta.

Entre Commerciantes

Encontrei o meio de vender, *com lucro*, artigos que jaziam como alcaides em meus depositos.

—Como assim?

—Confiando a propaganda dos mesmos ao Moro, director da Empreza Moderna de Reclame.

Directoria Geral do Serviço Sanitario

Guerra ás Moscas

Escreve-nos o dr. Guilherme Alvaro, director do Serviço Sanitario:

Empregando a Directoria do Serviço Sanitario do Estado de S. Paulo os maiores esforços para que seja proficua a campanha contra as moscas e os mosquitos, ora em andamento no Estado, segundo instrucções que vimos de expedir de accôrdo com o Governo, conviria que a população intelligente desta Capital prestasse o seu concurso decidido e continuo áquelle humanitario emprehendimento para no menor prazo possivel ficarmos livres de tão repugnantes e perigosos insectos, propagadores de varias molestias e perturbadores do nosso socego. Tomámos, por isso, a liberdade de pedir a V. S. que se digne de, pelo seu conceituado jornal, esclarecer o publico, referindo que as moscas se criam nas estrumeiras e nos monturos, por menores que sejam elles e que os mosquitos evoluem nas aguas estagnadas, nas aguas de chuva contidas nas menores vasilhas abandonadas ao tempo, nos syphões dos ralos dos pateos e dos quintaes, etc. Dahi se vê que, onde houver asseio absoluto, nas casas, nos quintaes e nos terrenos adjacentes, promovendo-se a remoção immediata de todo o lixo; onde houver o cuidado de se recolher as vasilhas inuteis, de se resguardar com tempo os depositos de agua aproveitados e de se petrolisar semanalmente os ralos dos terrenos, não existirão nem moscas, nem mosquitos.

Sendo justo que as pessoas cuidadosas, que mantêm o devido asseio em suas casas e dependencias, não venham a soffrer com a desidia dos visinhos indifferentes ou recalcitrantes, peço a V. S. tornar publico que a Directoria do Serviço Sanitario attenderá sempre com a maior presteza todos as reclamações, todas as notificações e esclarecimentos que receber sobre estrumeiras, monturos, aguas estagnadas e terrenos sujos, situados, por emquanto, no perimetro urbano, que tenham escapado á vigilancia das turmas encarregadas de descobril-os e de corrigil-os. Este meio de auxilio mutuo tem dado os melhores resultados nos Estados Unidos, na mesma campanha contra as moscas, onde aquelles que cumprem a lei conseguiram por esse modo obrigar os refractarios ao asseio a trabalhar para o bem geral e a não perturbal-o.

Si V. S. acceitasse tambem e publicasse, em local fixo e adequado do seu jornal, essas reclamações e notificações, nos comprometteriamos a attendel-as com a possivel brevidade, dando a V. S. conhecimento das medidas tomadas e dos resultados conseguidos em cada caso.

Antecipando a V. S. os meus agradecimentos pela publicação da presente, subscrevo-me com a maior consideração de V. S. am. cr. ob.

Guilherme Alvaro,

Director do Serviço Sanitario

O MEU QUERIDO CHIANTI MIRAFIORE!

GRAÇAS AO CHIANTI MIRAFIORE

posso dançar feliz, alegre e cheia de vida!

Licores Antarctica

VERMOUTH TORINO—VERMOUTH FRANCEZ—LICOR D'OURO—CRÊME DE BAUNILHA—MARASCHINO—ANIS DO GATO—MOKA—VINHO QUINADO—ABRICOT BRANDY—CRÊME DE CASSIS—CURAÇÁO—BITTER RUSSO—OLD SCOTCH WHISKY—BERNARDINA—COGNAC ANTARCTICA—LARANJA—LICOR DE BANANA—RHUMS—CRÊME DE CACÁO—ANISETTE—GETREIDE KÜMMEL—APERITIVO SUISSO—FERNET PAULISTA—RECORD—LICOR DIABO—FRAMBOESA—MENTHE—FOGO PAULISTA—CHERRY BRANDY—NOZES—BANANA—CEREJA—ABRICOT—COGNACS—ZÁ-ZÁ